

**CERÂMICA COMUM ROMANA
NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE
(ESTUDO PRELIMINAR)**

**Roman Coarse-Ware Pottery
in the Municipality of Castelo de Vide
(Preliminary Study)**

André Pereira
Mário Monteiro



Vila Velha de Ródão, 2011

**CERÂMICA COMUM ROMANA
NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE
(ESTUDO PRELIMINAR)**

**Roman Coarse-Ware Pottery
In the Municipality of Castelo de Vide
(Preliminary Study)**

André Pereira¹

Mário Monteiro²

Palavras-chave

Alto Alentejo, Castelo de Vide, Cerâmica Comum Romana.

Key words

Alto Alentejo, Castelo de Vide, Roman Coarse-Ware Pottery.

Resumo

A cerâmica comum romana tem sido “o parente pobre” dos estudos ceramológicos de Época Romana em Portugal. O presente estudo foi realizado no âmbito da disciplina de Materiais Arqueológicos I, do curso de História, Variante de Arqueologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 2003.

Pretende-se com este estudo preliminar abordar os conjuntos de cerâmica comum romana recolhidos e exumados em quatro sítios arqueológicos do Concelho de Castelo de Vide: *Villa* dos Mosteiros, Tapada Grande (Meada), *Villa* do Mascárro e Vale da Bexiga.

Salientam-se as lacunas na informação obtida e sintetiza-se a informação recolhida no âmbito do estudo efectuado, como ponto de partida para outros estudos do mesmo âmbito, na mesma região.

¹ Arqueólogo.

² Arqueólogo.

Abstract

The Roman coarse-ware pottery has been neglected in portuguese Roman Period pottery studies. This study was conducted within the discipline of Materiais Arqueológicos I, course of Archaeology, Faculty of Arts, University of Lisbon, in 2003, by the authors.

The purpose of this paper is to study the Roman coarse-ware pottery collected in excavations and archaeological surveys of four archaeological sites in the Municipality of Castelo de Vide: *Villa* dos Mosteiros, Tapada Grande (Meada), *Villa* do Mascárro e Vale da Bexiga.

Gaps in the data obtained are pointed up and the information collected is synthesized, as a starting point for further studies, in the same region.

Agradecimentos

É bom saber que podemos contar sempre com a ajuda desinteressada daqueles que sabem mais do que nós, porque o conhecimento é para ser partilhado e, certamente, porque se alguém necessitar da nossa ajuda, em algo que tenhamos conhecimentos mais aprofundados, não a recusaremos

Queremos destacar e agradecer aos membros da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide por nos terem permitido e concedido livre-trânsito para estudar e manusear todos os materiais e processos, circular e trabalhar nas suas instalações livremente, principalmente ao Magusto que, apesar do muito trabalho que tinha, arranjou sempre tempo para nos ouvir e fornecer todos os dados disponíveis. Devemos também a eles a cedência dos desenhos de algumas cerâmicas, por eles executados (nomeadamente por J. F. Magusto e por J. Bica), que serviram de base para os nossos, segundo as normas actualizadas.

Ficamos gratos à Dra. Catarina Viegas por nos ter permitido desenvolver este trabalho, bem como pela paciência com que nos ouviu, tempo que nos dispensou, bibliografia que emprestou e todo o auxílio

concedido, fundamentais para o desenvolvimento da nossa investigação e análise de materiais.

Também dos nossos colegas de curso Patrícia Bargão e Miguel Dias, tivemos bons conselhos e apontamentos, que em muito serviram para a análise e organização do acervo cerâmico estudado, pelo que não queremos deixar de os referir.

Aos que destacámos e a todos os outros, muito obrigado.

Introdução

O estudo que se apresenta resulta de um trabalho prático realizado no âmbito da formação académica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na disciplina de Materiais Arqueológicos I, leccionada pela Dra. Catarina Viegas, no ano lectivo de 2002-2003.

É sabido que a investigação tem sido muito pouco direccionada para o estudo da cerâmica comum, apesar de esta constituir quase sempre o maior conjunto dos materiais exumados em escavações ou recolhidos em prospecções. É quase como que o “parente pobre” dos materiais

arqueológicos, e apesar de hoje em dia se encontrar mais valorizada e estudada, permanece, na maior parte das vezes, no esquecimento, muito provavelmente devido às grandes dimensões que o conjunto de cerâmica comum representa no espólio de um sítio, e aos inúmeros problemas e lacunas (de investigação) com que o arqueólogo se depara quando pretende fazer um estudo válido, que forneça dados novos e valiosos para o conhecimento do sítio em questão e para futuros trabalhos. O tempo é quase sempre menos que nada, pelo que comumente se opta pelos materiais que fornecem dados mais precisos e seguros.

Não é intenção, no parágrafo acima, fazer uma crítica à quase ausência de tratamento da cerâmica comum, mas fazer referência a uma situação a ultrapassar. Temos perfeita noção que a Arqueologia avança constantemente, valorizando questões e aperfeiçoando métodos, de modo a obter dados mais concretos e preencher os muitos vazios que permanecem na História da Humanidade. Os horizontes do arqueólogo alargam-se constantemente, enriquecendo a investigação arqueológica e aproximando-o dos objectivos a que esta se propõe. Convém frisar que a única certeza que possuímos é de que não há nenhuma verdade absoluta, pelo que todos os meios devem ser explorados.

Ao constituir o maior acervo arqueológico, torna-se urgente desenvolver a investigação da cerâmica comum, para que com ela se possa obter dados mais concretos em relação à vivência humana e balizas cronológicas mais precisas. Poderá ser impossível extrair dela as informações que se obtém com uma moeda ou uma *terra sigillata*, mas certamente que poderão fornecer mais dados do que aqueles que sabemos questionar, mesmo tendo em conta serem cerâmicas de âmbito essencialmente local ou regional.

Tendo em conta os particularismos locais e regionais da cerâmica comum, e no âmbito da disciplina, que se refere a cerâmica romana, optámos por fazer um estudo preliminar relativo à cerâmica comum romana no concelho de Castelo de Vide. Foram vários os motivos da escolha, sendo o principal a afinidade que um de nós (MM) tem com a Vila e o facto desta cerâmica, que se encontra perfeitamente inventariada e arrumada no depósito da Secção de Arqueologia, nunca ter sido alvo de um estudo pormenorizado, segundo os métodos que possuímos presentemente. Os que existem são referentes a poucas peças e parecem não ter merecido grande atenção. Para além deste motivo, deve-se a escolha ao trabalho final da disciplina de Seminário de um dos autores (MM), cujo tema é uma villa romana que se encontra

no concelho, pelo que os dados obtidos foram de grande utilidade para essa investigação³. A escolha da delimitação concelhia é unicamente devida à facilidade de aceder ao conjunto cerâmico, que se encontra, na sua totalidade, no depósito da Secção de Arqueologia. Outros materiais poderão ser encontrados em colecções privadas, mas o tempo disponível não permitiu estudá-los, para além de que alguns se encontram vedados a arqueólogos pelos “proprietários”.

Era nosso objectivo, de início, fazer um estudo aprofundado de toda a cerâmica comum romana existente no depósito, contudo, viemos a verificar que os nossos conhecimentos, de iniciados na matéria, bem como a falta de disponibilidade de então, faziam deste objectivo um projecto “megalómano”. Assim, resumimos a investigação às cerâmicas provenientes de quatro sítios, dos quais faremos um resumo, do que deles se conhece e do porquê da selecção, num capítulo específico.

Foi utilizada como base do estudo a tese de doutoramento da Doutora Inês Vaz Pinto, “*A Cerâmica Comum Romana de S. Cucufate*” (PINTO,

³ A este propósito, conferir artigo da *Villa* dos Mosteiros, publicado no presente número desta revista.

1999)⁴, uma vez que era então (e ainda é) o estudo mais recente e mais completo sobre cerâmica comum, mas também porque se refere a uma região não muito distante, o que, tendo em conta o carácter local ou regional destas produções cerâmicas, é fundamental. No entanto, e devido aos inúmeros problemas que esta temática levanta, outras obras da especialidade referentes a áreas próximas foram consultadas, resultando a metodologia de uma adopção e adaptação dos métodos e critérios desenvolvidos por diversos investigadores. Procurámos com isto preencher as muitas lacunas existentes no conhecimento, desenvolvendo o método de modo a adaptar-se ao pequeno conjunto de fragmentos cerâmicos, que na totalidade é constituído por fragmentos de 220 recipientes, tema a desenvolver em capítulo específico, referente à metodologia e aos problemas inerentes a este trabalho concreto.

Tal como no estudo da cerâmica comum de S. Cucufate (PINTO, 1999), os fabricos e as formas foram alvo de uma investigação distinta e efectuada em separado, pelo que o conjunto estudado para as formas é constituído por 93 recipientes, enquanto o estudo dos fabricos incidiu

⁴ Em 2003, em data posterior à realização do presente estudo, I. Vaz Pinto publicou a sua tese, cujo conteúdo não difere do documento a que tivemos acesso: PINTO, Inês Vaz (2003) - *A cerâmica comum das Villae Romanas de São Cucufate (Beja)*, Coleção Teses, Lisboa: Universidade Lusíada Editora.

sobre todo o acervo. Estes estudos serão apresentados no capítulo relativo à análise do conjunto cerâmico.

Este é na verdade o primeiro estudo, de âmbito mais lato, para a cerâmica comum romana, efectuado para esta região do Alto Alentejo, e se algum existe não tivemos conhecimento dele, ou nunca foi publicado. É por ser uma primeira abordagem efectuada sobre uma parte da cerâmica comum romana, recolhida no concelho e nele devidamente depositada, que designámos de Estudo Preliminar, e se referimos **no** Concelho de Castelo de Vide e não **do** Concelho, é precisamente para evidenciar que se trata de um acervo parcial da cerâmica exumada e recolhida no concelho e não de toda a cerâmica comum romana do concelho ou dos sítios seleccionados.

Seria muito interessante aprofundar o tema e ampliá-lo para uma área mais ampla, ou seja, a da *civitas ammaiense*, na qual este concelho se encontraria integrado em tempos romanos, e nas relações com Emerita Augusta, que ficava a umas dezenas de quilómetros para Sudeste. Porém, este é um estudo que ficará para o futuro, numa próxima oportunidade.

O Concelho e os Sítios

Procurando palavras para situar o concelho de Castelo de Vide e descrever as suas características geológicas, Joaquim Carvalho (CARVALHO, 1998) sintetiza que:

“O concelho de Castelo de Vide localiza-se no Nordeste Alentejano, pertence ao distrito de Portalegre [Fig. 1], e é delimitado a Norte pelo concelho de Nisa e por Espanha, a Sul e Oeste pelos concelhos de Portalegre e Crato e a Este pelo de Marvão [onde se situa a cidade romana de Ammaia]. Estende-se por uma área de cerca de 260Km², dividida pelas quatro freguesias que constituem o concelho. [...].

Ao nível geológico, a região situa-se na sutura entre a zona de Ossa-Morena e a zona Centro-Ibérica, justificando a complexidade geológica da área em estudo. Os terrenos a Norte estão essencialmente representados pelo Complexo Xisto-Grauváquico e pelas séries metamórficas, estas originadas pela intrusão do granito de Castelo de Vide, aquando da terceira fase Hercínica. A Sul encontram-se igualmente metamorfizadas as unidades paleozóicas (Ordovício, Silúrico e Devónico Inferior) e os granitos tectonizados de Portalegre. Relativamente ao granito de Castelo de Vide, granito monzonítico, de

grão normalmente muito grosseiro, contendo duas micas, apresenta fracturação tardi-hercínica, um jogo de falhas, filões, intrusões graníticas, granodioríticas e granito-dioríticas, o que justifica a acção conjunta de movimentos orogénicos a que a região esteve sujeita. Estas condições geológicas permitem a existência nesta região de numerosas nascentes de água, bem como de excelentes zonas agrícolas. A abundância de água, de espécies vegetais e animais, aliadas às condições climáticas e geomorfológicas, proporcionaram e ainda proporcionam a fixação de comunidades humanas nesta região.” (CARVALHO, 1998, p. 183).

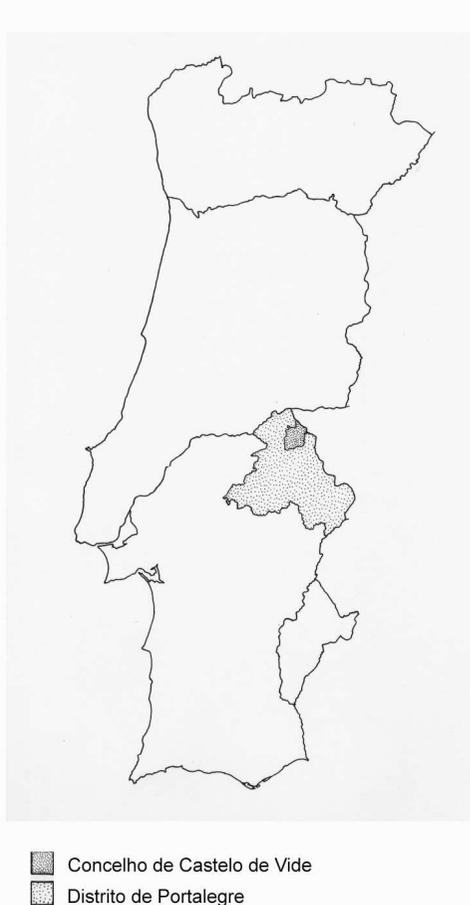


Figura 1. Localização do Concelho (mapa desenhado e cedido pela Secção de Arqueologia da C.M. de Castelo de Vide)

Como se pode perceber trata-se de uma região de grande riqueza a nível geológico (inclui argilas), de cursos de água e de matéria para combustão (madeira) nos fornos de produção cerâmica, ou seja, o fundamental para esta produção. Certamente que uma investigação e prospecção no concelho e zonas limítrofes, no sentido de localizar locais de possível extracção de argila e de produção de cerâmica, iriam enriquecer muito a investigação do fabrico da cerâmica comum da região e permitir até identificar e associar centros de produção e recipientes. Talvez seja este um dos caminhos a desenvolver para um melhor estudo destas produções cerâmicas e, conseqüentemente, para fornecer mais e melhores dados.

Sem grande esforço tivemos conhecimento de alguns locais de produção e de provável origem de argilas. É o caso do topónimo Barrinhos (A – Mapa 2), que se localiza a cerca de 4 Km a Sudeste da Póvoa e Meadas. Foi-nos informado que não muito longe deste local existe um micro-topónimo que remete também para barro. As argilas de Nisa situam-se apenas a cerca de 11 Km a Oeste da Póvoa Meadas, pelo que também seria conveniente analisá-las. O topónimo Já Fogo (C – Mapa 2), a cerca de 12 Km para Noroeste de Castelo de Vide, não deixa de ser sugestivo. O caso mais concreto situa-se na Coutada (B –

Mapa 2), a cerca de 6 Km para Oeste de Castelo de Vide, onde um dos autores (MM) se deslocou e observou um forno intacto, de época Contemporânea, com diversas estruturas, estas destruídas, que deveria ser o local de produção das cerâmicas. Encontra-se também no local um pequeno tanque que deveria servir para a depuração da argila, existindo ainda vestígios do que deveria ser o canal que conduzia a água de uma nascente próxima. Bastante perto foi possível observar um barranco, com terras argilosas, de onde poderá ter sido extraída a argila para a produção neste local. Foi-nos informado que este forno terá laborado durante os séculos XVII-XIX, provavelmente para a produção de materiais de construção, mas nada garante que não tenha produzido recipientes, tendo em conta a quantidade de fragmentos dispersos no solo. Não muito longe da Coutada apontaram-nos outro forno idêntico e, possivelmente, coevo deste, mas não tivemos possibilidade de nos deslocarmos ao local.

Após esta breve análise acerca dos conhecimentos que temos de prováveis locais de extracção de argila e de produção, passaremos a descrever os quatro sítios arqueológicos, de onde foram seleccionadas as cerâmicas, bem como os problemas e questões relacionados com cada um deles.

Fazemos aqui uma chamada de atenção, referente aos quatro sítios, dado que os materiais são provenientes de prospecções e de escavações efectuadas sem grande rigor, não existindo um registo que associe correctamente as cerâmicas exumadas a um contexto. No caso da cerâmica comum sabemos os problemas que isso levanta. Não pretendemos com isto criticar o trabalho efectuado, uma vez que foram escavações dos inícios dos anos 80 e os métodos que dispomos e utilizamos hoje em dia, não se encontravam uniformizados e normalizados, nem eram valorizados de igual modo por todos, à época.

Mosteiros (1 – Fig. 2) – localiza-se na freguesia da Nossa Senhora da Graça da Póvoa e Meadas, a cerca de 3 Km para Oeste da povoação de Póvoa e Meadas, tendo as seguintes coordenadas UTM – M 6247 P 4376 (coordenadas obtidas com aparelho de GPS, no local onde se encontrava o piso em mosaico).

Este é o sítio sobre o qual um dos autores (MM) fez o trabalho final da disciplina de Seminário e que se reproduz nesta publicação⁵, pelo que

⁵ A este propósito, conferir artigo da *Villa* dos Mosteiros, publicado no presente número da revista.

tem sido alvo de muita investigação, inclusive de prospecção por nós efectuada, em que se recolheram alguns materiais. Trata-se de uma *villa* romana com bastantes vestígios dispersos numa vasta área. Como indicadores cronológicos existem *sigillatas*, moedas, um piso em mosaico e uma urna de chumbo, cujo conteúdo foi saqueado mas foi possível observar (pelo menos parte dele foi fotografado pelo Dr. Jorge Oliveira), fornecendo um balizamento entre finais do século I d.C. e IV d.C.

Neste sítio existe um forno, supostamente romano, pertencente à *villa*, que foi alvo da única escavação referente a esta, sendo de referir as escavações no corredor de uma anta existente muito próxima do forno onde foram exumadas as únicas duas moedas e algumas *sigillatas*. Contudo, não existe qualquer referência aos resultados e conclusões, nem sequer um caderno de campo (que ficou na posse do arqueólogo responsável pela escavação no forno).

Para além dos materiais exumados nas escavações, os restantes foram recolhidos em prospecções levadas a cabo há bastantes anos pela Secção de Arqueologia e por nós próprios recentemente.

O sítio já tinha sido prospectado nos inícios da década de 70 pela Dra. Maria da Conceição Rodrigues, no entanto, desconhecemos o destino dado aos materiais recolhidos e a análise das cerâmicas (não sabemos se tratou todas) não fornece dados para além de cores, medidas e alguns componentes não plásticos das pastas (passando-se o mesmo com os outros três sítios). Atribuiu ao sítio uma cronologia dos séculos I – II d.C. (RODRIGUES, 1975), mas com os dados que agora possuímos, sabemos que vai, pelo menos, até ao século IV.

Aparentemente o sítio foi ocupado em diversos períodos (não necessariamente de modo contínuo), pelo que a cerâmica comum analisada tem que ser encarada com muitas reservas.

Tapada Grande (Meada) (2 – Fig. 2) – Localiza-se na freguesia da Nossa Senhora da Graça da Póvoa e Meadas, a cerca de 8 Km para Oeste da povoação da Póvoa e Meadas, tendo as seguintes coordenadas UTM – M 3335 P 7385 (coordenadas retiradas do processo referente à área da Meada, existente na Secção de Arqueologia).

É um sítio que se enquadra numa área bastante ampla, por onde se encontram muitos vestígios de antiga ocupação romana. Temos conhecimento de duas aras (uma delas aparentemente anepígrafa) que daqui foram levadas para a colecção de um particular. Existe também as ruínas de uma represa, construída em pedra, cal, tijolo e *opus signinum*, presentemente classificada como romana – Represa da Tapada Grande – e com cronologia dos séculos III-IV d.C.

A cerâmica da Tapada Grande analisada, foi recolhida, em 1990, aquando de uma prospecção efectuada pela Secção de Arqueologia, de uma vala que tinha sido aberta para instalação de um sistema de rega, deixando muita cerâmica visível. Foram analisados, também, uns fragmentos provenientes do Monte da Meada, que fica a cerca de 1,5 Km para Oeste deste sítio. Ainda que não possuindo outros indicadores cronológicos (*sigillatas*, moedas), utilizámos estes materiais porque possuem características idênticas às restantes cerâmicas e a área tem sido constantemente referida como sendo de ocupação romana.

Este sítio também foi alvo das prospecções da Dra. Maria da Conceição Rodrigues, classificando-o como provável *villa* romana, com ocupação durante os séculos III-IV d.C. Desconhecemos quais os dados que lhe

forneceram estas balizas, sendo as aras o indicador mais seguro (RODRIGUES, 1975), mas aí teremos que reportar para os séculos II-III d.C., período em que as inscrições epigráficas foram comumente executadas.

Mais uma vez desconhecemos o paradeiro dos materiais recolhidos por M. Rodrigues.

A grande quantidade de estruturas, pesos de lagar, *tegulae*, *imbrices* e cerâmicas referidos (como já foi dito, dispersos por uma grande área), não permitem obter uma cronologia mais segura, sendo problemático o estudo da cerâmica comum.

Mascárro (3 – Fig. 2) – localiza-se na freguesia de S. João Baptista, a cerca de 5 Km para Oeste da Vila de Castelo de Vide, tendo as seguintes coordenadas UTM – M 2790 P 6330 (coordenadas retiradas do processo referente ao Mascárro, existente na Secção de Arqueologia).

Dos quatro é o sítio que foi alvo de maior número de campanhas de escavações arqueológicas. As primeiras foram dirigidas pela Dra. Maria da Conceição Rodrigues, das quais desconhecemos os resultados e conclusões, bem como do destino dado aos materiais. A investigadora refere pavimentos em *opus signinum* e a parte inferior de uma ara, que foi para o Museu Arqueológico de Lisboa, pelo que calculamos ser esse o local onde se encontram todos os materiais por ela recolhidos, atribuindo ao sítio uma cronologia que vai dos séculos IV ao V, devido aos vestígios de ocupação Visigótica (RODRIGUES, 1975).

As restantes campanhas de escavações foram dirigidas pelo Dr. Jorge Oliveira, sendo os registos destas muito sumários. Descreve este sítio como sendo uma possível *villa* romana, no entanto, dada a ausência de pavimentos em mosaico e cerâmicas finas, sugere que as áreas escavadas pertenceriam a alojamentos de servos e à *pars fructuaria*, nunca tendo sido detectado o local da *pars urbana*, podendo ser uma *villa* muito pobre. A cronologia que lhe atribui remete para os séculos III-IV d. C., tendo por base um conjunto de cerca de 30 moedas dos séculos III-IV d.C. e um estudo sumário dos vidros e cerâmicas exumados. Uma outra ara encontrada reforça a ideia de ocupação do local no século III d. C. A presença de necrópoles visigóticas e as

poucas moedas deste período encontradas no Mascáro (um curto período de ocupação, como é sugerido), dão o século V como provável *terminus* da ocupação da *villa* (no processo do sítio).

Certamente que uma curta ocupação visigótica no sítio não veio alterar, ou mesmo influenciar, as características da cerâmica comum aqui encontrada. Porém os dados são mais uma vez questionáveis, no que refere à análise das cerâmicas.

Queremos deixar registado que o Contentor 47 do Bloco B⁶ ficou intocado, devido a ser o que mais fragmentos possui (bojos, bordos e fundos), que não fornecem qualquer tipo de forma, e não ter havido disponibilidade, na altura, para dar a devida atenção ao tratamento destes materiais, pelo que se optou por não os incluir.

Vale da Bexiga (4 – Fig. 2) – localiza-se na freguesia de S. João Baptista, a cerca de 10 Km para Oeste da Vila de Castelo de Vide, tendo as seguintes coordenadas UTM – M 22300 P 63520 (coordenadas

⁶ Referência do depósito da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide.

retiradas do processo referente ao Vale da Bexiga, existente na Secção de Arqueologia).

Este sítio, que possuía abundantes vestígios à superfície, foi escavado em 1982, não existindo no processo quaisquer referências aos resultados e conclusões. A escavação foi efectuada numa necrópole, sendo detectadas estruturas ao lado, pelo que foi alargada de modo a escavar uma pequena parcela destas. Tanto estruturas como necrópole são referidas como sendo de época indeterminada, não tendo sido encontradas moedas, *sigillatas* ou outro elemento datante. Contudo, foram exumadas colunas e bases de coluna, havendo entre elas um colunelo todo trabalhado, cujo tipo de motivos sugerem (numa análise rápida e elementar, com base em outras conhecidas, porque nunca foi alvo de estudo) uma cronologia pelos séculos IV-V. Presentemente é impossível tirar qualquer conclusão em relação à ocupação do sítio escavado parcialmente, porque em 1986 todo ele foi arrasado por máquinas, a fim de preparar o terreno para a lavoura.

Também este sítio foi alvo das prospecções da Dra. Maria da Conceição Rodrigues, atribuindo-lhe uma cronologia dos séculos III-IV d.C.

(RODRIGUES, 1975), mas de novo não sabemos em que se baseou para o fazer, nem onde estão os materiais recolhidos.

É com base nestes dados e nas semelhanças da cerâmica comum deste sítio com as dos outros, melhor balizados cronologicamente, que optámos por inclui-las no acervo em estudo.

Todos os dados obtidos, que serão posteriormente desenvolvidos, deverão ser tidos com algumas reservas, pelos modos como a cerâmica foi exumada ou recolhida.

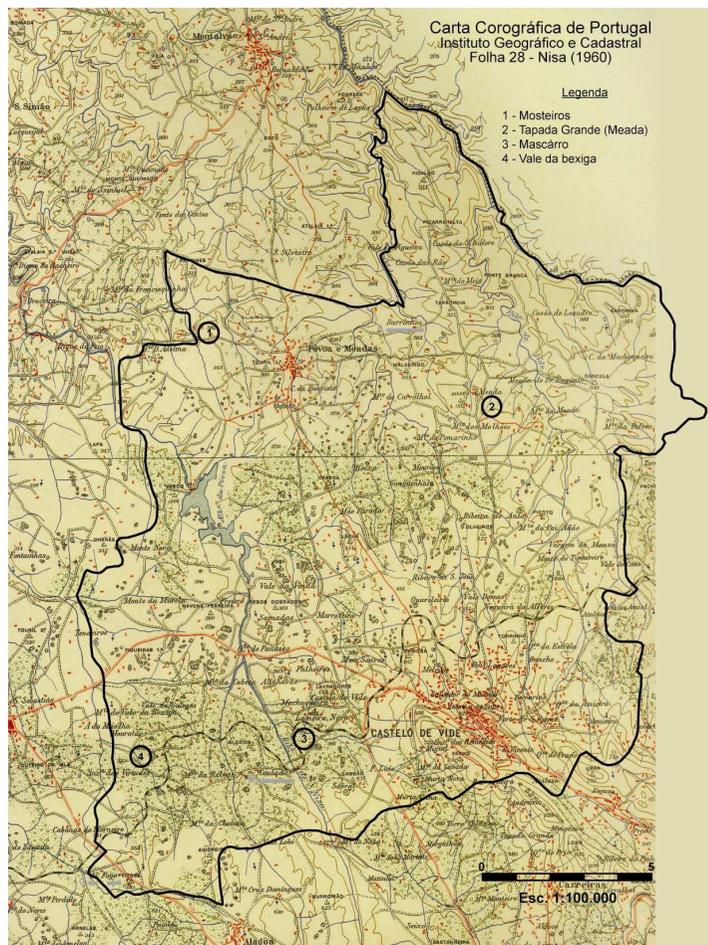


Figura 2. Concelho de Castelo de Vide sobre extracto da Carta Corográfica de Portugal, Folha 28 – Nisa, 1960.

Metodologia e problemas inerentes ao estudo

O conceito de cerâmica comum tem levantado só por si grande polémica, sendo frequentemente tido como uma designação depreciativa. Não é essa a nossa opinião. Consideramos que é o modo mais correcto para referir as cerâmicas utilizadas no quotidiano, aquelas que sendo de fabrico não-especializado seriam mais “baratas” e como tal mais utilizadas, inclusive nas casas mais abastadas. Aquelas que, ao se partirem, eram facilmente substituídas e o prejuízo era mínimo. Seriam fabricadas local ou regionalmente, poderiam ser, nalguns casos, exportadas para regiões consideradas longínquas, no entanto, não deixavam de ser, acima de tudo, utilitárias. Queremos com isto dizer que é um conceito que arruma dentro de si um espólio cerâmico muitíssimo vasto e diversificado, pelo que ao ser estudado deverá ter-se sempre o cuidado de tentar identificar o que é de origem local, regional e de importação (e tendo em conta que as cerâmicas da Bética são consideradas de importação, não serão então de importação todas as que têm origem numa outra região?), procurar identificar a originalidade e a influência, as relações comerciais e as culturais, os conhecimentos técnicos de modelação e de fabrico, a origem das argilas e o tratamento dado, ..., um sem fim de questões que podem

levar a conhecer melhor a realidade vivida por cada habitação, villa, povoado, cidade, região... É certo que é um trabalho, quase, para uma vida, e se calhar é pouco. Porém tem de ser feito, nem que seja apenas durante uns anos por cada investigador. “De vagar se vai ao longe”, e já estivemos muito mais longe do que hoje! Na verdade, pensamos que um sítio arqueológico, por muito bem estudado, debatido e publicado que se encontre, fornecerá sempre um conhecimento truncado se não forem devidamente exploradas e estudadas as cerâmicas comuns, pelo que há que investir tempo no desenvolvimento de métodos e na sua análise, a fim de extrair cronologias mais finas e mais fiáveis.

Este estudo ainda não aprofunda nem desenvolve nenhuma das questões sugeridas, devido ao limite de tempo a que se encontrava sujeito, não deixando, no entanto, de constituir um ponto de partida para futuros trabalhos numa região repleta de vestígios arqueológicos e totalmente inexplorada relativamente a estudos ceramológicos, mas não só.

A metodologia adoptada segue amplamente a das cerâmicas de S. Cucufate (PINTO, 1999), por se encontrar bastante explícita e de fácil utilização, e por se tratar, ainda, da sistematização mais completa da

matéria. Mas outras obras foram consultadas e delas adoptados alguns critérios e elementos, que nos permitiram, e facilitaram, uma melhor análise e classificação do conjunto cerâmico.

Tal como Inês V. Pinto refere “*Os fabricos servem para fazer muitas formas [...]*” (PINTO, 1999, p.65), o que, por ser tão lógico, leva a que seja igualmente lógico fazer estudos independentes, dos fabricos e das formas, método que adoptámos prontamente.

Os fabricos – O estudo e classificação tinha como objectivo reconhecer tipos de fabrico e grupos petrográficos, meta que, dado o conjunto estudado (220 recipientes⁷) fica, para já, aquém de ser alcançada. A reduzida disponibilidade de tempo e meios levou a que tivéssemos que fazer a identificação destes grupos através das tabelas de análise e descrição individual das peças, não recorrendo à análise presencial para a sua criação.

⁷ Existem colagens de fragmentos que identificamos como sendo do mesmo recipiente, pelo que nos referimos a recipientes distintos.

Utilizámos a Ficha Descritiva de Cerâmicas, criada por Artur Martins e Carlos Ramos (MARTINS, 1992), mas alterando alguns elementos, nomeadamente nos campos referentes ao estado da superfície e textura da pasta, na designação das cozeduras, em que adoptámos a de Maurice Picon (PICON, 2002) e no rolamento e frequência dos elementos não plásticos, em que usámos os critérios de P. Stienstra (STIENSTRA, 1985), de onde também utilizámos a tabela de dureza, aplicada às pastas.

As cores das pastas foram obtidas por observação directa, e descritas de forma convencional (laranja, bege rosado, etc.), sendo posteriormente aferidas as referências Munsell (MSCC, 1994), cujas descrições textuais nem sempre se coadunaram com a nossa descrição das cores, pelo que esta última prevaleceu.

As pastas foram todas analisadas através da observação macroscópica, tendo sido a identificação dos elementos não plásticos efectuada com base numa enciclopédia de minerais (KORBEL e NOVAK, 2000). Ainda assim, e devido ao exame ser de índole macroscópica, deverá ser tida em atenção a possibilidade de elementos mal identificados ou não referidos.

Identificámos a presença de quartzo hialino com alguma frequência nas pastas de cor bege. Sabendo de antemão que é muito frequente em algumas áreas do concelho (como por exemplo nos Mosteiros), calculamos que possam ser produções locais. Contudo, ficou por assinalar a sua presença (apenas referimos quartzo e muito raramente hialino), tal como ficou por destacar quais os elementos mais frequentes, entre os identificados.

Ao descrever pormenorizadamente os métodos e lapsos, pretendemos validar (ainda que seja uma validade relativa) os grupos petrográficos que reconhecemos, de modo a que possam ser tidos em consideração e completados.

Após a identificação de tipos de fabrico e grupos petrográficos tentou-se associá-los aos identificados por Inês V. Pinto (PINTO, 1999), o que demonstrou ser tarefa difícil, principalmente devido à grande discrepância de meios e conhecimentos utilizados na análise petrográfica.

As formas – O estudo e classificação incidiu sobre 93 peças que deram forma, pelo que foram desenhadas e procuraram-se paralelos. Várias foram as obras consultadas nesse sentido (BELTRÁN LLORIS, 1990; NOLEN, 1985; PINTO, 1997; PINTO, 1999; SÁNCHEZ SÁNCHEZ, 1992), tendo apenas em consideração estudos efectuados em regiões próximas. Não serão as únicas a merecer a devida atenção e o ideal seria consultar estudos efectuados por toda a Península Ibérica. A pequena dimensão do conjunto não possibilita a criação de uma tipologia específica, pelo que recorreremos à associação com cerâmica comum de outras regiões.

Foi, mais uma vez, nas cerâmicas de S. Cucufate, Vidigueira (PINTO, 1999) que nos baseámos, dado que das 93 formas, 84 enquadram-se dentro das categorias morfológico-funcionais e respectivas tipologias, criadas pela autora. Apenas 9 não possuem paralelos, também não identificados em qualquer um dos outros estudos acima referidos, pelo que ficaram classificadas como indeterminadas.

Todos os recipientes foram classificados e agrupados com as mesmas designações e segundo os mesmos critérios utilizados nesse estudo (PINTO, 1999), sendo de sublinhar que alguns recipientes, possuindo

dimensões maiores ou menores do que os de S. Cucufate, foram agrupados nas mesmas tipologias e variantes, por corresponderem à descrição destas.

O facto dos horizontes cronológicos coincidirem (Séculos I – V d.C.) e das formas encontrarem paralelos, permitiu-nos extrapolar o estudo do reduzido conjunto do Concelho de Castelo de Vide, para o estudo exemplar do grande conjunto cerâmico de S. Cucufate.

Se olharmos para qualquer mapa de Portugal poderemos constatar que, apesar do Concelho de Castelo de Vide se localizar no denominado “Alto Alentejo”, e S. Cucufate no denominado “Baixo Alentejo”, a distância entre ambos é muito curta e, certamente, em ambos os casos sob uma forte influência de *Emerita Augusta*.

As pastas: lista de fabricos

Se é extremamente difícil distinguir fabricos com todos os meios disponíveis, sem análise de lâminas delgadas, por parte de um geólogo,

que proporcionem o estabelecimento de grupos petrográficos, ainda o é mais com uma simples lupa de aumento.



Figura 3. Parte do conjunto de cerâmica comum romana da *Villa* do Mascárro.

Visto ser-nos impossível uma análise através de lupa binocular do conjunto que nos propusemos estudar, tentamos inferir, pela cor e tonalidade (clara/escuro) das peças, o seu fabrico. Deste modo,

classificamos calcárias e caulinas as argilas mais claras (beges, cinzentas, cinzentas claras, etc.) – salientamos que, devido à observação macroscópica que efectuámos, a distinção entre estes dois tipos de pastas foi-nos impossível - e de não calcárias as mais escuras (laranjas, vermelhos, castanhos, etc.). Depois, consideramos o tipo de cozedura, de modo a que nenhum fabrico tivesse dois tipos de cozedura. O terceiro critério é o da natureza e rolamento das inclusões. cremos que, com um conjunto tão reduzido como este, e por se tratar de uma análise preliminar, outras opções poderiam ser tomadas. No entanto, esta pareceu-nos a mais adequada.

1 – Pastas calcárias/caulinas cozidas em modo A com inclusões subroladas ou roladas.

Cores da Pasta: maioritariamente beges, considerável número de cinzentos; tonalidades rosadas em algumas das pastas.

Textura: a grande parte dos indivíduos analisados apresentam texturas médias – há, contudo, outros (menos) que apontam para texturas mais

esponjosas; em menor número temos texturas compactas. Cerca de ¼ das pastas apresentam-se laminadas.

Dureza: a dureza destas pastas anda em volta dos valores 3 e 4 (apenas em raros casos conseguimos riscá-las com a unha – valor 2).

Natureza dos componentes não-plásticos: para além de micas e quartzos, abundam os feldspatos, “grog” e estão presentes alguns elementos ferruginosos, cupríferos e calcários, entre outros componentes residuais.

Distribuição: neste ponto, foi-nos impossível distinguir qualquer tendência.

Grão: oscila entre o muito fino e o médio (em poucos casos); raramente há grão grosso.

Frequência: a grande parcela dos casos apresenta frequências por volta dos 5 e 7%, chegando por vezes aos 10%.

Tratamento das Superfícies: em relação à presença ou ausência de aguada, não conseguimos distinguir uma tendência, parecendo-nos

equilibrada a sua distribuição; nos casos em que não há aguada, a maioria das superfícies tem apenas um ligeiro afagamento.

2 – Pastas calcárias/caulinas cozidas em modo A com inclusões subangulosas ou angulosas.

Cores da Pasta: neste caso, os cinzentos sobrepõem-se, por pouco, aos beges; continuam a existir tonalidades rosa na cor das pastas.

Textura: aqui, as texturas abundantes continuam a ser as médias; contudo, possuímos um conjunto de pastas mais compactas, sendo raro ocorrerem situações de esponjosidade. As pastas laminadas são também raras.

Dureza: maioritariamente os valores 2 e 3, sendo ocasional surgir o 4.

Componentes não plásticos: para além de micas e quartzos, como no caso anterior, tanto “grog” como feldspatos, constituem os elementos de relance mais presentes; apesar dos elementos ferruginosos se manterem, vemos menor percentagem de elementos cupríferos e calcários.

Distribuição: maioritariamente regular; pasta bem distribuída em termos de componentes não plásticos.

Grão: na maioria dos indivíduos, grão fino e muito fino; em poucos casos surge médio e grosseiro.

Frequência: varia, na sua maioria, entre os 10 e os 15%; alguns casos atinge o valor de 20%.

Tratamento das Superfícies: Na maioria dos casos, as superfícies têm apenas um ligeiro afagamento. No restante, é bastante frequente haver uma aguada (interna e/ou externa).

3 – Pastas não calcárias cozidas em modo A, com inclusões subroladas, roladas e muito roladas.

Cores da Pasta: maioritariamente laranjas, com um considerável número de cinzentos acastanhados e castanhos.

Textura: na sua grande maioria, estamos perante pastas de textura esponjosa e média, sendo em menor número as compactas.

Dureza: a grande parte destas pastas podem-se riscar com a unha ou com uma moeda; já com o vidro, apesar da grande uniformidade de tipos de dureza, são menos os casos.

Componentes não plásticos: Para além de micas, em menor número, contudo, do que nos casos anteriores, maioritariamente quartzos; abundam “grog” e feldspatos; em menor número, elementos ferruginosos; há dois casos em que temos areias.

Distribuição: maioritariamente inclusões bem distribuídas.

Grão: maioritariamente fino e médio; não há casos de grão grosseiro.

Frequência: a mais variada, entre 3 e 20%; abundam os casos de 5%.

Tratamento das Superfícies: Cerca de $\frac{3}{4}$ dos indivíduos possuem aguada. Abundam as superfícies afagadas; algumas (raras) polidas.

4 – Pastas não calcárias, cozidas em modo A, com inclusões subangulosas e angulosas.

Cores da Pasta: abundam os castanhos e laranjas, com várias tonalidades; estão também presentes em considerável número os pretos e cinzentos escuros, em pastas que, na maioria dos casos, possuem uma oxidação no fim do processo de cozedura, tendo o núcleo uma tonalidade mais escura.

Textura: as texturas deste fabrico são médias e esponjosas maioritariamente.

Dureza: maioritariamente o valor 4 de dureza, embora alguns casos (raros) apresentem valores que rondam o 2 ou o 3.

Componentes não plásticos: micas, quartzos e “grog” por excelência; são também frequentes os elementos ferruginosos; em menor número encontramos elementos cupríferos.

Distribuição: maioritariamente regular.

Grão: pastas pouco depuradas, com grandes oscilações, havendo de grão muito fino a grão grosseiro.

Frequência: em média, 15%; no entanto, comparando com os outros fabricos, há percentagens bastante elevadas.

Tratamento das Superfícies: aguadas externa e interna com alguma frequência, assentes em cores beges, alaranjadas e castanhas claras. Quando não há vestígios de aguada, nota-se o ligeiro alisamento que sofreram as peças.

5 – Pastas não calcárias, cozidas em modo B, com inclusões subroladas.

Cores da pasta: dos poucos indivíduos analisados, as pastas são maioritariamente cinzentas, oscilando entre a tonalidade (clara/escura).

Textura: maioritariamente compacta a média.

Dureza: essencialmente pastas que se riscam facilmente com unha, portanto, valor 2 de dureza.

Componentes não plásticos: basicamente micas e quartzos, algum “grog”, de entre elementos pouco consideráveis.

Distribuição: a distribuição dos componentes não plásticos não permitiu qualquer inferência, dada a diversidade que apresentou.

Grão: maioritariamente entre fino e médio, quanto à dimensão.

Frequência: grande frequência, com uma média de 15%.

Tratamento das Superfícies: poucos sinais de aguada identificados (os que nos pareceram existir, assentam no cinzento escuro). Algumas superfícies são afagadas, havendo também casos não raros de superfícies sem qualquer alisamento ou revestimento (porosas).

6 – Pastas não calcárias, cozidas em modo B, com inclusões subangulosas.

Cores da Pasta: cinzento, por vezes acastanhado, e preto.

Textura: grande oscilação, indo de textura compacta a esponjosa; por vezes a pasta é laminada.

Dureza: casos de dureza que vão do valor 2 ao 4, com bastante equilíbrio.

Componentes não plásticos: micas e quartzos, para além da abundante presença de elementos cupríferos; raríssimos feldspatos e elementos ferruginosos.

Distribuição: maioritariamente regular.

Grão: de muito fino a médio.

Frequência: ronda os 7%, havendo casos extremos de 3% ou 20%.

Tratamento das Superfícies: apenas um indivíduo (em 6) apresentou vestígios de aguada (externa e interna), de cor cinzenta acastanhada. A maioria das superfícies é simplesmente afagada.

7 – Pastas calcárias/caulinas, cozidas em modo C, com inclusões subroladas e roladas.

Cores da pasta: maioritariamente bege, havendo tonalidades de bege rosado em número considerável.

Textura: as texturas deste fabrico são médias e esponjosas maioritariamente.

Dureza: na maioria dos casos, a dureza apresenta-se média.

Componentes não plásticos: quartzo e “grog” sempre presentes; micas abundam, mas com menos frequência que os elementos anteriores; realce-se também alguma presença de elementos ferruginosos e feldspatos.

Distribuição: maioritariamente regular, apesar de algumas exceções importantes.

Grão: pastas pouco depuradas, com grandes oscilações, havendo de grão muito fino a grão grosseiro.

Frequência: assente essencialmente nos valores 3 e 5%.

Tratamento das Superfícies: grande presença de aguadas, quer internas e/ou externas, maioritariamente laranjas e castanhas. De entre aquelas que não receberam aguada, as superfícies apresentam-se afagadas, levando algumas um ligeiro polimento.

8 – Pastas não calcárias, cozidas em modo C, com inclusões subroladas e roladas.

Cores da pasta: Castanhos e laranjas maioritariamente, havendo um caso de pasta avermelhada.

Textura: ronda a média e a esponjosa, na maioria.

Dureza: equilíbrio entre os valores 2, 3 e 4, com alguma preponderância para este último.

Componentes não plásticos: micas e quartzos sempre presentes; “grog” e feldspatos abundantes; alguma presença de elementos ferruginosos.

Distribuição: maioritariamente regular.

Grão: entre muito fino e médio

Frequência: valores com bastante oscilação, entre os 3 e os 20% na sua maioria.

Tratamento das Superfícies: aguadas externa e interna com alguma frequência, assentes em cores alaranjadas. Nas superfícies sem aguada a superfície leva apenas um simples afagamento.

9 – Pastas não calcárias, cozidas em modo C, com inclusões subangulosas.

Cores da Pasta: Castanhas e laranjas.

Textura: essencialmente média.

Dureza: pastas algo duras, dificilmente riscáveis (apenas com moeda – valor 3 – ou vidro – valor 4).

Componentes não plásticos: Micas, quartzos e feldspatos muito abundantes; alguns elementos ferruginosos.

Distribuição: maioritariamente regular.

Grão: entre muito fino e grosseiro

Frequência: maioritariamente entre os 7 e os 15%.

Tratamento das Superfícies: cerca de metade das peças têm aguada, essencialmente laranja, havendo um caso de aguada bege; quase todas possuem apenas um ligeiro afagamento.

As formas

No conjunto por nós estudado, identificámos 84 recipientes com forma, de entre 93 desenhos que efectuámos. Aqui apresentamos apenas 27 desenhos, pelas razões já enunciadas, os quais seleccionámos de acordo com critérios de percentagem da peça conservada, dimensão e esbeltez.

Não nos podemos esquecer que, devido à fragmentação das peças (raras são as vezes que possuímos mais de 1/3 da parede), foi por semelhanças que apontámos estes paralelos, sendo esta uma entre várias propostas possíveis de classificação material.

É importante ainda salientar que, pelas características de alguns bordos de potinhos e, apesar do seu diâmetro exceder, por vezes em 4cm, os

diâmetros apresentados para S. Cucufate, decidimos incluí-los na categoria de potinhos.

Desta forma, e de acordo com a tipologia expressa por Inês V. Pinto (PINTO, 1999), com algumas ressalvas, identificámos as formas que apresentamos de seguida.



Figura 4. Parte do conjunto de cerâmica comum romana da Villa do Mascáro.

BORDOS e BOJOS

Todos os diâmetros reportam para as dimensões máximas do bordo exterior.

TIGELAS

III-A-1 - Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado (PINTO, 1999: 263). Em S. Cucufate, ocorrem mais da segunda metade do século I ao segundo terço do século II. Nos exemplares de Castelo de Vide as dimensões exteriores do bordo variam entre os 29,5 cm e os 16 cm, pelo que o diâmetro máximo excede os de S. Cucufate.

Mascáro – MA022/088; Mosteiros – 5; 6.



Figura 5. MA022 (Esc. 1:3).

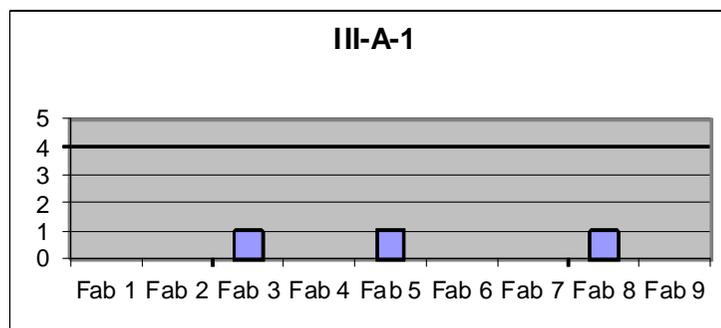


Figura 6. Número de peças por fabrico da forma III-A-1.

III-A-1-a - Tigela hemisférica com o bordo espessado formando lábio arredondado com canelura exterior (PINTO, 1999: 267). É apontado em S. Cucufate para meados do século II até meados do século IV, havendo também casos de ocorrência pós-romana. No exemplar de Castelo de Vide o diâmetro é de 10,2cm.

Mascárro – MA117 – Fabrico 9



Figura 7. MA117 (Esc. 1:2)

III-A-2 - Tigela com a parede aberta e recta, e o bordo simples, por vezes levemente espessado. (PINTO, 1999: 270). Forma de longa duração em S. Cucufate; surge da Segunda metade do século I a meados do século V. Os diâmetros são de 25,9 cm e 22,7 cm.

Mascárro – MA021; Mosteiros – 30



Figura 8. MA021 (Esc. 1:3).

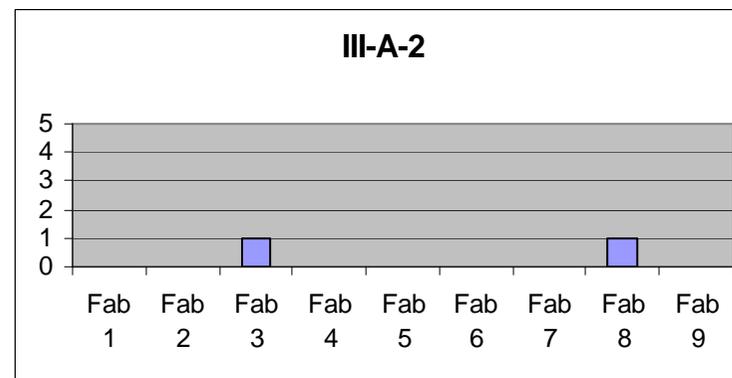


Figura 9. Número de peças por fabrico da forma III-A-2.

III-C-2 - Tigela com a parede angulada e o bordo em aba horizontal levemente descaída (PINTO, 1999: 298). Em S. Cucufate é mais abundante da primeira metade do século I ao segundo terço do século II, havendo ainda algumas destas formas até meados do século IV. Nestes exemplares os diâmetros são de 17,2 cm e 12,8 cm. A peça da Estampa (TG 07) possui bandas horizontais brunidas.

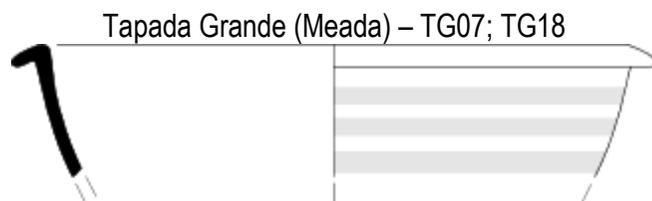


Figura 10. TG07 (Esc. 1:2).

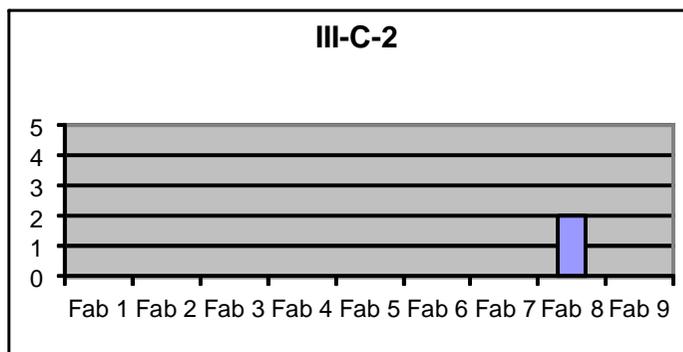


Figura 11. Número de peças por fabrico da forma III-C-2.

III-C-4 - Tigela com a parede contracurvada, a parte inferior angulada e a parte superior voltada para fora (PINTO:1999: 305). Em S. Cucufate, está presente maioritariamente por volta de meados do século V, havendo também, embora em menor número, de meados do século II até meados do século IV. Os três exemplares têm diâmetros entre os 17 cm e os 17,8 cm.

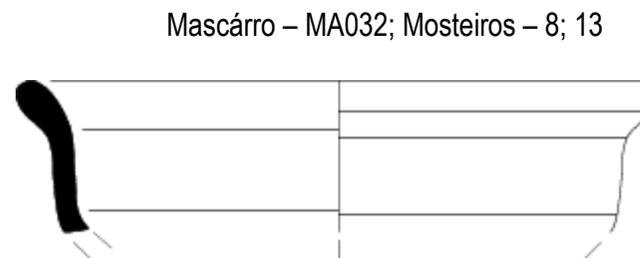


Figura 12. MA032 (Esc. 1:2).

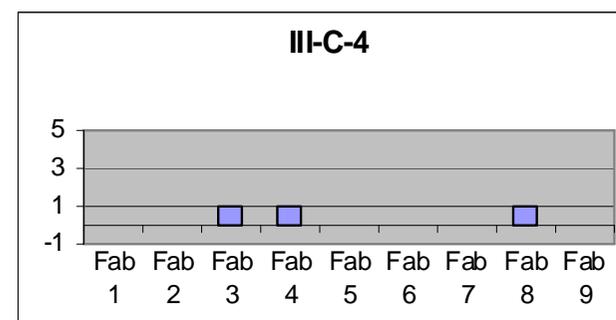


Figura 13. Número de peças por fabrico da forma III-C-4.

ALMOFARIZES

IV-C-1 - Almofariz de bordo em aba amendoado com ressalto no topo, por vezes com vertedouro, parede evasada e recta ou levemente arqueada, com estrias internas (PINTO, 1999: 317). Na *villa* de S. Cucufate estas predominam em meados do século II e estão presentes até meados do século V. Peça com diâmetro de 36,8 cm.

Tapada Grande (Meada) – TG16 – Fabrico 3



Figura 14. TG16 (Esc. 1:4).

IV-D-2 - Almofariz de bordo triangular em forma de fisga, por vezes com vertedouro, e parede levemente arqueada, geralmente com estrias (PINTO, 1999: 323). Em S. Cucufate predomina na época mais antiga do Baixo Império.

Possui um diâmetro de 40 cm.

Mascárro – MA15 – Fabrico 8



Figura 15. MA15 (Esc. 1:4).

ALGUIDARES

V-A-1 - Alguidar com bordo em aba amendoada ou oblíqua reentrante, parede recta ou arqueada pouco evasada, recipiente com forma circular, oval ou elíptica, sempre com fundo circular (PINTO, 1999: 339). Em S. Cucufate esta aparenta ser uma forma de longa duração, estando presente desde a segunda metade do século I a meados do século V; abunda, contudo, no segundo terço do século II. Exemplares com diâmetros entre os 27,1 e os 41cm.

Mascárro – MA019; MA050; Mosteiros – 26



Figura 16. MA050 (Esc. 1:3)

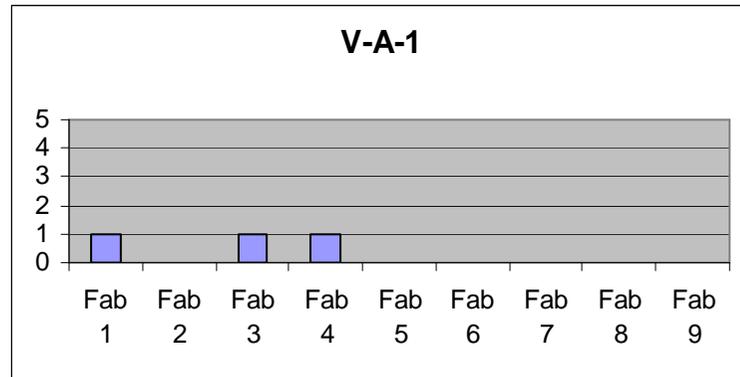


Figura 17. Número de peças por fabrico da forma V-A-1

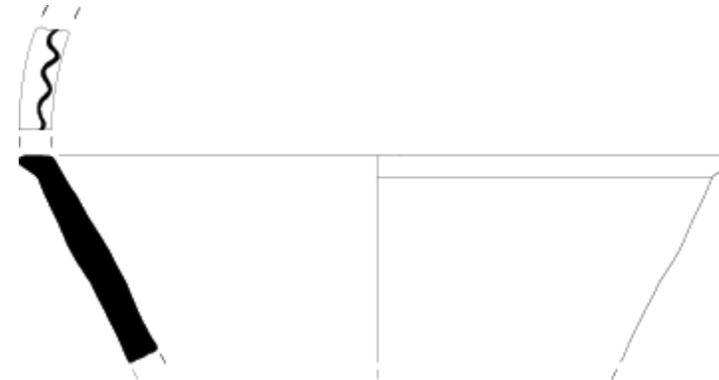


Figura 18. MA036 (Esc. 1:3).

V-B-3 - Alguidar grande e com o bordo pouco pronunciado na continuidade da parede espessa e quase recta (PINTO, 1999: 352). Está representada em S. Cucufate de meados do século II até ao século V, sendo mais típica do Baixo Império.

Exemplar com 57,8cm de diâmetro.

Mascárro – MA036 – Fabrico 9



Figura 19. MA036.

TERRINAS

VI-B-2 - Terrina de bordo boleado levemente reentrante e bocal largo (PINTO, 1999: 368). Parece que, dos quatro exemplares identificados em S. Cucufate, dois pertencem a cronologias que se balizam entre a segunda metade do século I e o primeiro terço do século II.

Peça com diâmetro de 33 cm, excedendo as dimensões das de S. Cucufate.

Mosteiros – 21 – Fabrico 7

VI-B-fr 2 - Terrina de bordo voltado para o interior, forma rara (PINTO, 1999: 369). Não é apontada qualquer cronologia para a peça de S. Cucufate semelhante a esta. Saliente-se que o exemplar do Forno dos Mosteiros analisado por nós, possui o bordo mais espessado para o interior.

Peça com diâmetro de 23,3 cm, pelo que é ligeiramente maior que o exemplar de S. Cucufate.

Mosteiros – FM20 – Fabrico 1



Figura 20. FM20 (Esc. 1:3)

PANELAS

VIII-B-2 - Panela de bordo oblíquo, geralmente amendoado e voltado para fora, pança esférica ou ovóide, sem asas (PINTO, 1999: 415). Em S. Cucufate é uma forma de longa duração, presente em todas as fases da *villa*, da segunda metade do século II a meados do século V.

Exemplar com um diâmetro de 22,4 cm.

Mascárro – MA048 – Fabrico 3

VIII-B-5-a - Panela de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovóide, por vezes com asas (PINTO, 1999: 435). Na *villa* de S. Cucufate, apesar de surgir em todos os horizontes cronológicos à excepção do segundo terço do

século II, vai sendo cada vez mais abundante, atingindo o expoente máximo em meados do século V.

Exemplares com diâmetros de 24,6 cm e 16,4 cm.

Mascárro – MA081; Mosteiros – FM19

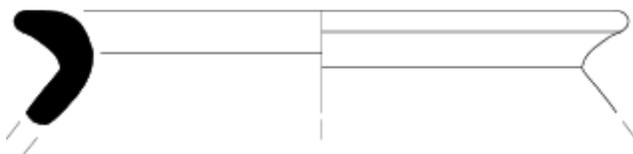


Figura 21. FM19 (Esc. 1:2).

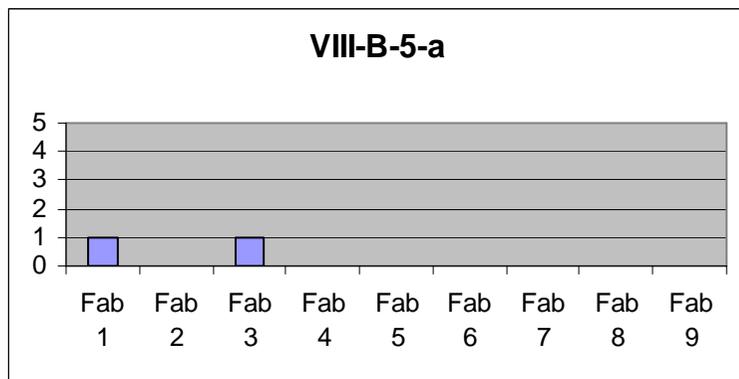


Figura 22. Número de peças por fabrico da forma VIII-B-5a.

VIII-B-7-a - Panela de bordo voltado para fora na continuidade da pança ovóide (PINTO, 1999: 445). O único exemplar datado que surgiu em S. Cucufate pertence a meados do século II a meados do século IV.

Possui 14,3 cm de diâmetro.

Mascárro – MA025 – Fabrico 3



Figura 23. MA025 (Esc. 1:3).

POTES

IX-A-fr 6 - Pote de bordo voltado para o exterior, forma rara (PINTO, 1999: 466). Para o único exemplar que surgiu em S. Cucufate, não há qualquer cronologia apontada.

Exemplar com diâmetro de 14 cm, sendo muito mais pequeno que o de S. Cucufate. Poderá ser um potinho.

Mosteiros – 33 – Fabrico 7

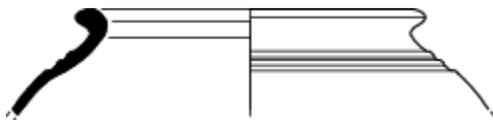


Figura 24. [Mosteiros] 33 (Esc. 1:3).

IX-A-fr 10 - Pote de bordo voltado para o exterior, forma rara (PINTO, 1999: 467). São apenas dois exemplares os presentes em S. Cucufate e, tal como o caso anterior, não é apontada qualquer cronologia.

Possui em diâmetro de 13,8 cm.

Mascárro – MA016 – Fabrico 3

POTINHOS

X-A-1 - Potinho de colo alto e levemente côncavo, bordo simples e pança esférica (PINTO, 1999: 477). Para esta forma, em S. Cucufate, são apontadas cronologias do Alto Império, da segunda metade do século I ao primeiro terço do século II.

Peça com 9,6 cm de diâmetro.

Mascárro – MA074 – Fabrico 9

X-A-2 - Potinho de colo pronunciado e largo, levemente côncavo, bordo geralmente espessado e pança esférica ou ovóide (PINTO, 1999: 480). Na *villa* do Baixo Alentejo ocupam todos os horizontes cronológicos, ou seja, da segunda metade do século I a meados do século V.

Os diâmetros variam aqui entre os 8,9 cm e os 15,3 cm

Mascárro – MA038; MA077; MA087



Figura 25. MA077 (Esc. 1:2).

X-A-3-a - Potinho de bordo oblíquo amendoado ou espessado, por vezes alongado, e pança esférica ou ovóide (PINTO, 1999: 483). Cronologias que, em S. Cucufate, vão da segunda metade do século I até meados do século IV, abundando no segundo terço do século II.

Uma das tipologias mais representada, variando os diâmetros entre os 11 e os 15cm.

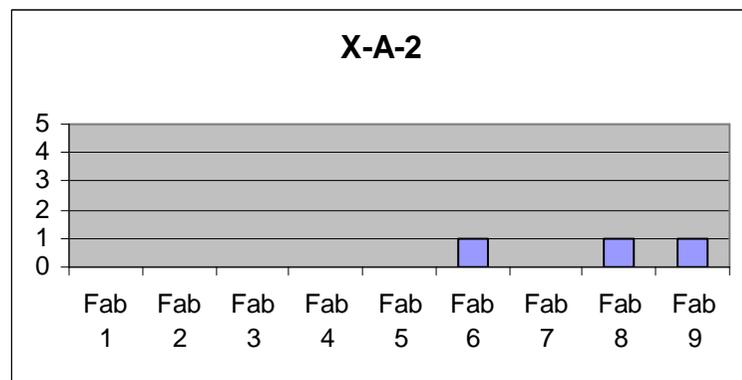


Figura 26. Número de peças por fabrico da forma X-A-2.

Mascárro – MA001; MA023; MA067/070; MA119 ; Tapada Grande (Meada) – TG08; Mosteiros – FM22

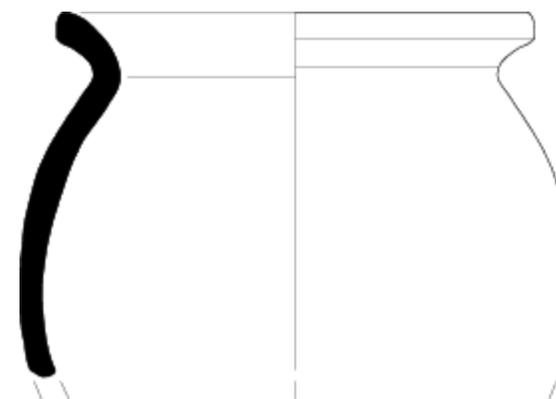


Figura 27. MA023 (Esc. 1:2).

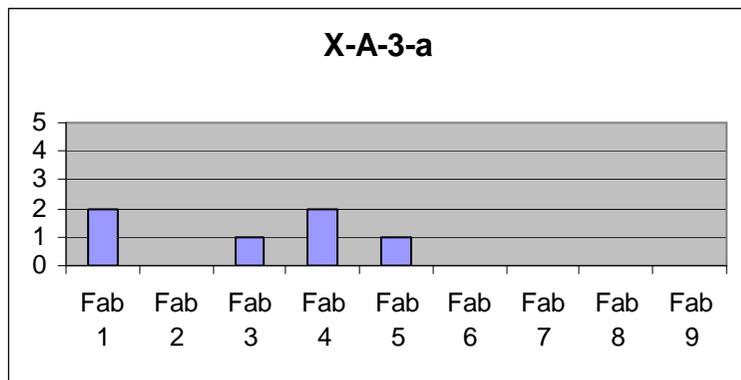


Figura 28. Número de peças por fabrico da forma X-A-3-a.

X-A-4 - Potinho de bordo em pequena aba levemente oblíqua ou horizontal, pança larga e, por vezes, asas verticais (PINTO, 1999: 487). Os poucos exemplares datados de S. Cucufate aparecem do segundo terço do século II até meados do século V.

Também este um dos tipos mais representado e onde se encontram algumas das peças mais bonitas, como a da respectiva estampa, que possui linhas oblíquas pintadas com uma aguada mais espessa da mesma cor da que a reveste exteriormente. Os diâmetros variam entre

os 10 cm e os 16,8 cm, havendo três exemplares que excedem os de S.Cucufate.

Mascárro - MA017; Tapada Grande (Meada) – TG04/10; TG06; TG15; TG22; Mosteiros – FM16; 3MOS

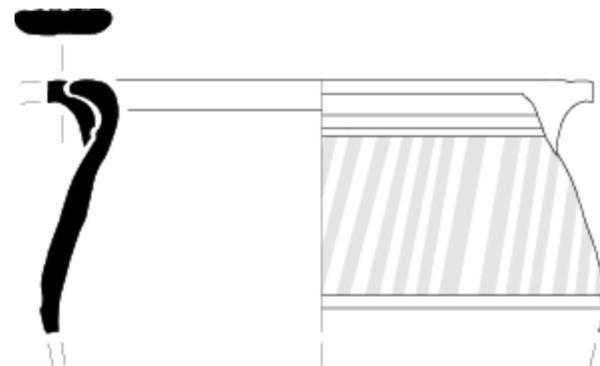


Figura 29. TG04/10 (Esc 1:2).

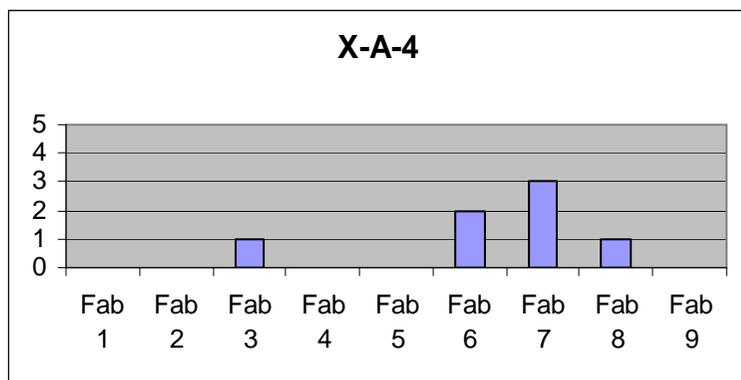


Figura 30. Número de peças por fabrico da forma X-A-4.

X-A-5 - Potinho de bordo em aba oblíqua e pança esférica (PINTO, 1999: 488). Os únicos exemplares recolhidos em S. Cucufate apontam para cronologias da segunda metade do século I ao primeiro terço do século II.

Exemplar com 15 cm de diâmetro.

Mascárro – MA065 – Fabrico 4



Figura 31. MA065 (Esc. 1:2).

X-A-6-a - Potinho de bordo oblíquo pequeno e fino, por vezes indistinto da pança ovóide (PINTO, 1999: 489). Para S. Cucufate, é apontada uma cronologia balizada entre meados do século II a meados do século IV.

Exemplar com 7,7cm de diâmetro.

Mascárro – MA116 – Fabrico 4

X-A-8 - Potinho de bordo alto e oblíquo, e pança larga, por vezes com asa vertical (PINTO, 1999: 492). Datado, pelos horizontes cronológicos de S. Cucufate, da segunda metade do século I a meados do século V, com uma falha na segunda metade da centúria precedente.

Nesta tipologia os diâmetros variam entre os 7,7 cm e os 16,1 cm, sendo que três deles excedem as dimensões dos de S. Cucufate.

Mascárro – MA045; MA054; MA103; MA124 ;
Tapada Grande (Meada) – TG09

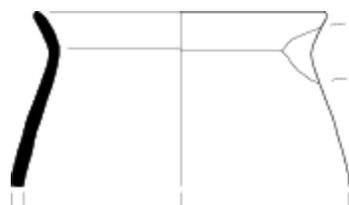


Figura 32. TG09 – Esc. 1:2

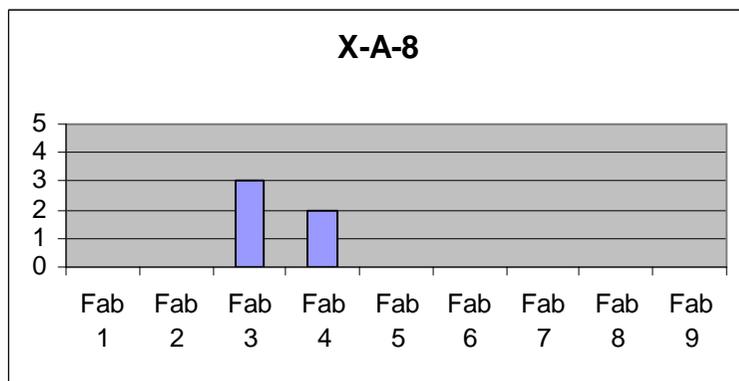


Figura 33. Número de peças por fabrico da forma X-A-8.

X-A-9 - Potinho de bordo evasado na continuidade da parede arqueada, por vezes com asa (PINTO, 1999: 494). Para S. Cucufate, são apontadas cronologias de meados do século II até meados do século IV.

Possui 16,1 cm de diâmetro, pelo que é muito maior do que os de S.Cucufate.

Mascárro – MA084 – Fabrico 3

JARROS

XI-A-fr 2 - Jarro de bordo voltado para o exterior, forma rara (PINTO, 1999: 509). Os dois exemplares identificados em S. Cucufate estão balizados entre meados do século II e meados do século IV.

Devido há fractura, apenas é possível calcular que a peça possuísse cerca de 7,5 cm, medindo do bico até ao bordo junto à asa.

Tapada Grande (Meada) – TG02 – Fabrico 9

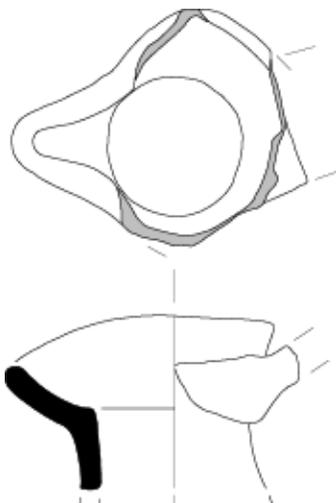


Figura 34. TG02 (Esc. 1:2).

BILHAS

XII-B-1 - Bilha de colo com dobra formando ressalto exterior pronunciado (PINTO, 1999: 523). Situados, em S. Cucufate, no horizonte 4 da *villa*, ou seja, em meados do século IV.

Exemplar com 4,6 cm de diâmetro.

Mascárro – MA057 – Fabrico 9

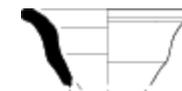


Figura 35. MA057 (Esc. 1:2).

XII-C-1 - Bilha de bordo canelado formando L com o colo cilíndrico e asa (PINTO, 1999: 530). Na *villa* de S. Cucufate apenas um exemplar foi identificado como pertencente ao segundo terço do século II.

Peça com diâmetro de 10,9 cm, bastante maior do que a de S. Cucufate.

Mosteiros – FM27 – Fabrico 2

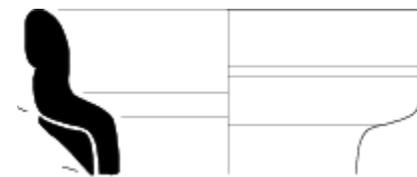


Figura 36. FM27 (Esc. 1:2).

TALHAS / *DOLIA*

XIII-A-1-a - Talha de bordo horizontal amendoado ou arredondado levantado em relação à pança esférica, e com pequenas asas verticais (PINTO, 1999: 546). Forma característica, em S. Cucufate, de todo o período de ocupação da *villa*, mas decrescendo um pouco a partir de meados do século IV.

Exemplar com um diâmetro de 42,6 cm. Possui um grafito muito parecido com alguns dos existentes em S. Cucufate, infelizmente incompleto (Fig. 37).



Figura 37. [Mosteiros] 20/20b (Esc. 1:6).

XIII-A-1-b - Talha de bordo horizontal quase indiferenciado da parede da pança esférica ou ovóide, com pequenas asas verticais (PINTO, 1999: 549). Para a *villa* de S. Cucufate, tal como a forma anterior, esta forma mostra a longa duração deste tipo de recipientes, pelo que se repete com a mesma frequência em todos os horizontes cronológicos.

Exemplar com um diâmetro de 27 cm, com decoração em linhas onduladas incisadas (Fig. 38).



Figura 38. MA018 (Esc. 1:4).

FUNDOS

Os diâmetros reportam para as medidas máximas da base.

F-3 - Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar, e o interior geralmente bastante liso, de formas abertas (PINTO, 1999: 583). Em S. Cucufate este tipo de fundos predomina na ocupação da *villa* I, isto é, da segunda metade do século I ao primeiro terço do século II.

Os diâmetros variam entre os 9,5 cm e os 16 cm, ultrapassando a medida máxima dos de S. Cucufate. O exemplar maior encontra-se representado na estampa (Fig. 39), possuindo uma decoração com estampilha de motivo reticulado.

Mascárro – MA035; MA108; Mosteiros – FM23



Figura 39. MA035 (Esc. 1:2).

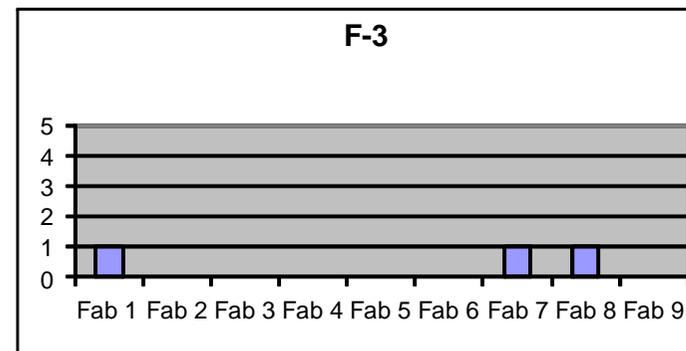


Figura 40. Número de peças por fabrico da forma F-3.

F-4 - Fundo estreito, raso e simples, com o interior geralmente bastante liso e a parede estreita, de formas abertas (PINTO, 1999: 585). Em S. Cucufate, é apontada para este tipo de fundos, uma cronologia que se centra, essencialmente, em meados do século IV.

Peça com um diâmetro de 10,2 cm.

Vale da Bexiga – VB08 – Fabrico 7

F-13 - Fundo raso e simples de formas fechadas, em particular tachos e panelas (PINTO, 1999: 592) – este tipo de fundos também se aplica a potes, jarros e bilhas. Em S. Cucufate, este é um tipo de fundo de longa duração, mas com maior abundância de meados do século II a meados do século IV.

Esta é a tipologia com maior número de peças, variando os diâmetros entre os 8,7 cm e os 13,6 cm. Predominam os fundos com diâmetros entre os 10 cm e os 11,3 cm, sendo apenas dois abaixo destas medidas e um acima (Fig. 41 e 42).

Mascárro – MA020; MA039; MA043; Mosteiros – 24; 32;
FM18; FM25; FM30; FM32; FM35

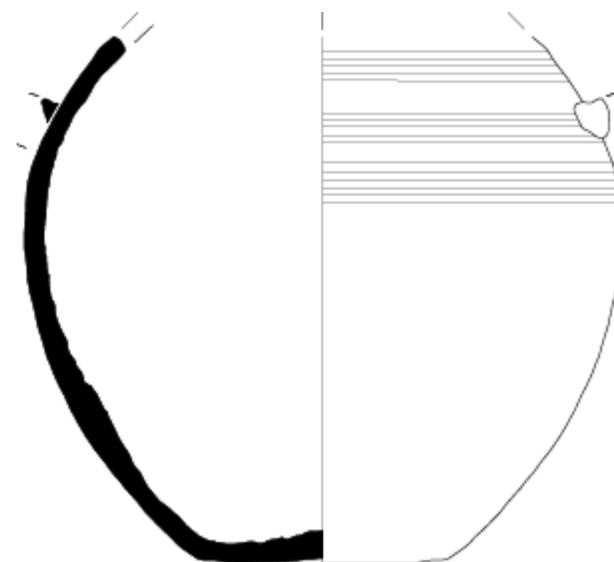


Figura 41. MA039 (Esc. 1:4).



Figura 42. MA039.

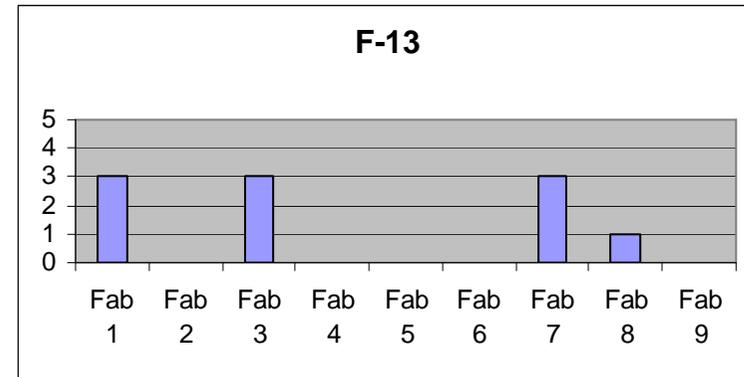


Figura 43. Número de peças por fabrico da forma F-13.

F-17 - Fundo raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar, de potinho (PINTO, 1999: 600, 601). Presentes em todos os horizontes cronológicos de S. Cucufate, abundam mais no Alto Império, da segunda metade do século I ao segundo terço do século II.

Os diâmetros destes exemplares variam entre os 2,8 cm e os 4,5 cm.

Tapada Grande (Meada) – TG05; TG13; TG17; TG21; Mosteiros – FM48; FM50



Figura 44. TG13 (Esc. 1:2).

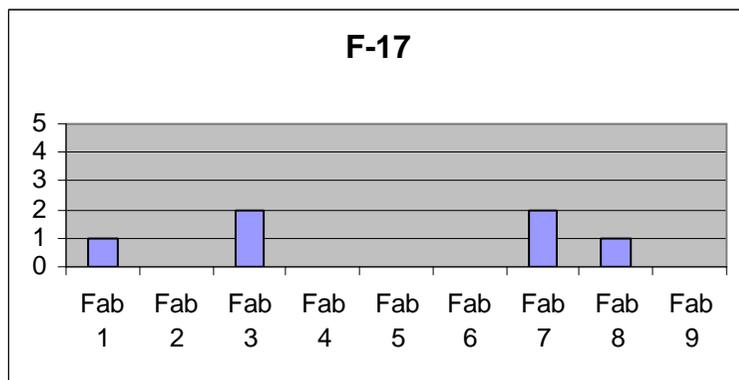


Figura 45. Número de peças por fabrico da forma F-17.

F-18 - Fundo raso e simples de pequena forma fechada (PINTO, 1999: 603). Presente em todos os horizontes cronológicos de S. Cucufate, com preponderância para o segundo terço do século II.

Nestes exemplares os diâmetros variam entre os 3,3 cm e os 11,1 cm.

Mascárro – MA068; Mosteiros – 23; 36; FM51

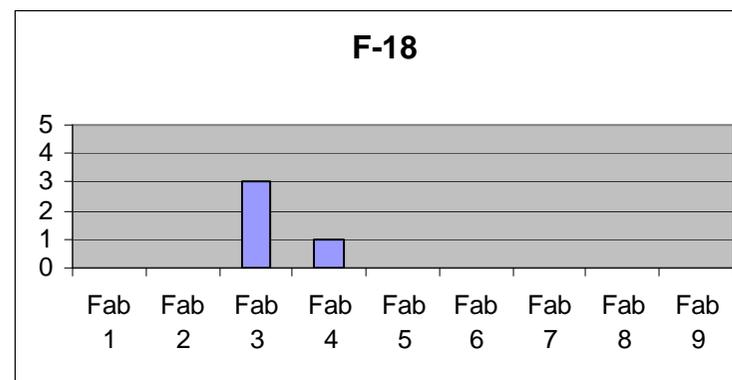


Figura 46. Número de peças por fabrico da forma F-18.

F-21 – Fundo simples com pequeno rebordo e parede arqueada para fora, de formas fechadas (PINTO, 1999: 606). Dos sete exemplares de S. Cucufate, dois pertencem ao horizonte 1, da segunda metade do século I ao primeiro terço do século II.

Exemplar com 12,6 cm de diâmetro, sendo ligeiramente maior que os de S. Cucufate.

Mascárro – MA109 – Fabrico 2

F-22 - Fundo anelar pronunciado com a parede arqueada para fora, talvez de bilhas (PINTO, 1999: 606). Em S. Cucufate distribuem-se da segunda metade do século I a meados do século IV.

Possui 8,1 cm de diâmetro.

Mascárro – MA029 – Fabrico 5

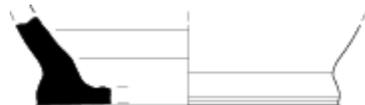


Figura 47. MA029 (Esc. 1:2).

F-23 - Fundo raso e facetado com a parede vertical, talvez de bilha (PINTO, 1999: 606). A sua cronologia na *villa* de S. Cucufate abrange desde a segunda metade do século I a meados do século IV. Exemplar com 12 cm de diâmetro.

Mosteiros – FM24 – Fabrico 3

F-24 - Fundo com rebordo, parede espessa e interior geralmente irregular, de talha (PINTO, 1999: 607). Este tipo de fundos têm uma grande duração cronológica na *villa* de S. Cucufate, estendendo-se por toda a ocupação romana do sítio. Peça com 45,2 cm de diâmetro.

Mosteiros – 38 – Fabrico 4

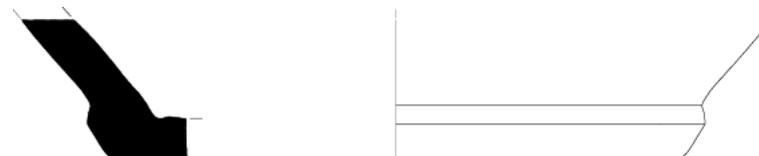


Figura 48. [Mosteiros] 38 (Esc 1:6)

F-27 - Fundo com rebordo mais ou menos pronunciado, por vezes com orifício de arejamento na parede, de tampa de talha (PINTO, 1999: 611). Sempre presente nos períodos de ocupação da *villa* de S. Cucufate, tem um pequeno decréscimo de meados do século II a meados do século IV.

Exemplar com 9,6 cm de diâmetro.

Mosteiros – FM37 – Fabrico 9



Figura 49. FM 37 (Esc. 1:3).

Terminada a apresentação das formas de cerâmica comum presentes nos sítios romanos de Castelo de Vide por nós estudadas, importa salientar que, dos 84 recipientes, cerca de 27% dos bordos correspondem a potinhos e 13% a tigelas. Dos restantes recipientes, raramente possuímos um número significativo por forma. No que concerne os fundos, abundam os fundos de formas fechadas, pequenos (de potinhos) ou maiores (possivelmente de panelas, potes ou jarros),

com cerca de 67%. Temos assim um conjunto que, apesar de fraccionado (e é importante salientar isso, pois limitou-nos a uma análise pouco conclusiva), se baseia em formas fechadas, pequenas e grandes, com grande abundância de potinhos, e algumas pequenas tigelas dentro da escassez das formas abertas.

Tabela descritiva do conjunto cerâmico

A tabela descritiva do conjunto cerâmico está organizada alfanumericamente por sítio arqueológico prospectado ou escavado, de acordo com o número de registo de cada peça dentro do seu conjunto.

Legenda

? – sempre que não foi possível identificar qualquer característica ou esta nos suscitava dúvidas de maior, este foi o símbolo que utilizámos

1. N.º Reg. – **número de registo (Sítio + número de registo = xx)**

1.1. **xx** – prospecção em redor da villa dos Mosteiros

1.2. **xMOS** – Urna funerária de chumbo dos Mosteiros

1.3. **FMxx** – Forno dos Mosteiros

1.4. **MAxxx** – Monte do Mascárro

1.5. **MMxx** – Monte da Meada

1.6. **TGxx** – Tapada Grande (Meada)

1.7. **VBxx** – Sítio 6 do Vale da Bexiga

FORMA

2. **C** – Corpo

2.1. **C** – Composto

2.2. **S** – Simples

2.3. **SDCS** – Simples Direito Côncavo Saliente

2.4. **SDS** – Simples Direito Saliente

2.5. **SR** – Simples Redondo

2.6. **SRH** – Simples Redondo Hemisférico

2.7. **SRO** – Simples Redondo Ovóide

3. **B/P** – Base/Pé

3.1. **CC** – Contínua Côncava

3.2. **CR** – Contínua Rasa

3.3. **Cr** – Pé em Coroa

4. **A** – Asas

4.1. número de asas

4.2. secção

- 4.2.1. **P** – Plana
- 4.2.2. **O** – Oval
- 4.2.3. **Cl** – Com caneluras longitudinais

- 5. **Br** – Bordo
 - 5.1. **Ah** – em aba horizontal
 - 5.2. **AhEclcR** – em aba horizontal, extrovertido, com inflexão com ressalto
 - 5.3. **AhIclcR** – em aba horizontal, introvertido, com inflexão com ressalto
 - 5.4. **Am** – amendoado
 - 5.5. **BP** – em bico ponteagudo
 - 5.6. **Ec2IcR** – extrovertido com dupla inflexão com ressalto
 - 5.7. **Ec2IsR** – extrovertido com dupla inflexão sem ressalto
 - 5.8. **Ecl** – Extrovertido com inflexão
 - 5.9. **EclcR** – Extrovertido com inflexão com ressalto
 - 5.10. **Esl** – Extrovertido sem inflexão
 - 5.11. **IclcR** – Introvertido com inflexão com ressalto
 - 5.12. **IclSR** – Introvertido com inflexão sem ressalto

- 5.13. **Isl** – Introvertido sem Inflexão

- 6. **Lb** – Lábio
 - 6.1. **Bo** – boleado
 - 6.2. **Bs** – biselado
 - 6.3. **D** – direito
 - 6.4. **SC** – semi-circular
 - 6.5. **T** – triangular

- 7. **M** – Modelação
 - 7.1. **M** – manual
 - 7.2. **TL** – torno lento
 - 7.3. **TR** – torno rápido

- 8. **T.IVP / D** – tipologia formal segundo Inês V. Pinto (PINTO,1999) / Diâmetro de cada recipiente em cm.

8.1.*i* – indeterminada. Quando, apesar da forma nos parecer identificável, não o conseguimos fazer, quer nas cerâmicas de S. Cucufate (PINTO, 1999), quer nas outras obras consultadas.

SUPERFÍCIE

9. **Cor** – cores das superfícies externa e interna dos recipientes

9.1. **B** – bege

9.2. **Ba** – bege amarelado

9.3. **Bc** – bege acastanhado

9.4. **Bcz** – bege acinzentado

9.5. **Bn** – branco

9.6. **Br** – bege rosado

9.7. **Brcz** – bege rosado acinzentado

9.8. **C** – castanho

9.9. **Ca** – castanho amarelado

9.10. **Ccl** – castanho claro

9.11. **Ce** – castanho escuro

9.12. **Cz** – cinzento

9.13. **Czc** – cinzento acastanhado

9.14. **Czcl** – cinzento claro

9.15. **Czclc** – cinzento claro acastanhado

9.16. **Cze** – cinzento escuro

9.17. **Czec** – cinzento escuro acastanhado

9.18. **Czv** – cinzento avermelhado

9.19. **Czvd** – cinzento esverdeado

9.20. **L** – laranja

9.21. **Lc** – laranja acastanhado

9.22. **Lr** – laranja rosado

9.23. **P** – preto

9.24. **R** – rosado

9.25. **V** – vermelho

9.26. **Vc** – vermelho acastanhado

9.27. **Ve** – vermelho escuro

(ver tabela na página seguinte)

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 1. Tabela de cores aplicada às referências de Munsell (MSCC, 1994)

B	10YR6/3	C	10YR5/4	Czc	2.5Y5/2	L	5YR5/8	
	10YR6/4		5YR4/3	Czcl	2.5Y7/1		5YR6/8	
	10YR6/6		7.5YR4/2	Czclc	5YR7/1		5YR7/8	
	10YR7/4		7.5YR4/3		10YR6/2		7.5YR4/6	
	10YR7/6		7.5YR4/4		1.F.G.3/		7.5YR5/8	
	10YR8/2		7.5YR5/2		1.F.G.4/		7.5YR6/6	
	10YR8/3		7.5YR5/3		10YR2/2		7.5YR6/8	
	10YR8/4		7.5YR5/4		10YR3/1		7.5YR7/6	
	2.5Y7/3		7.5YR5/6		10YR4/1		7.5YR7/8	
	2.5Y8/3		10YR6/8		2.5Y3/1		2.5YR3/4	
Ba	2.5YR7/4	Ca	2.5Y5/3	Cze	2.5Y4/1		5YR3/4	
	5YR8/4	Ccl	2.5YR5/3	2.5YR3/1	5Y3/1	Lc	5YR4/4	
7.5YR8/2	7.5YR6/3		5Y4/1	5Y3/1	5YR4/6	5YR5/4	5YR5/6	
Bc	10YR8/6	Ce	7.5YR6/4	5YR3/1	5YR4/1	Lr	5YR6/6	
	2.5Y8/4		10YR3/3	7.5YR3/1	7.5YR3/1		2.5YR7/6	
Bcz	10YR7/3	2.5Y3/3	10YR3/3	7.5YR4/1	7.5YR4/1	P	5YR7/6	
	10YR7/2	7.5YR3/2	7.5YR3/2	10YR4/2	10YR2/1		2.5/N	
Br	5YR8/1	Cz	7.5YR3/4	Czec	2.5Y4/2	R	2.5Y2.5/1	
	2.5YR8/4		10YR5/1	Czev	5YR4/2		5Y2.5/1	
	5YR7/4		10YR6/1	Czv	2.5YR7/1		7.5YR2.5/1	
	5YR8/3		2.5Y5/1		1.F.G.5/1		2.5YR5/2	
	7.5YR6/2		2.5Y6/1	Czvd	5Y4/2		2.5YR8/3	
	7.5YR7/3		2.5YR5/2		5Y5/2		10YR4/8	
	7.5YR7/4		4/N	L	2.5YR5/8		V	2.5YR5/6
	7.5YR8/3		5Y5/1		2.5YR6/6		Vc	2.5YR6/4
	7.5YR8/4		5Y6/1	2.5YR6/8	2.5YR7/8		Ve	2.5YR3/6
	7.5YR8/6		5YR5/1					2.5YR4/6
Brcz	7.5YR7/2	7.5YR5/1						
C	10YR4/3	Czc	10YR3/2					
	10YR5/3		10YR5/2					

10. Revestimento

10.1. **T** – tipo de revestimento e sua localização

10.1.1. **Ae** – aguada externa

10.1.2. **Aei** – aguada externa e interna

10.1.3. **Ai** – aguada interna

10.2. **Cor** – cor e respectivo código de acordo com a tabela *Munsell*
(ver ponto 9)

11. Dec – decoração

11.1. **Can.** – canelada

11.2. **Est.** – estampilhada

11.3. **Graf.** – grafitada

11.4. **Inc.** – incisa

11.5. **Mod.** – modelada

11.6. **Pint.** – pintada

12. Estado – estado das superfícies interna e externa

12.1. **A** – afagado

- 12.2. **B** – brunido
- 12.3. **PG** – poroso grosseiro
- 12.4. **PN** – poroso normal
- 12.5. **Pol** – polido
- 12.6. **R** – rugoso

PASTA

13. **M. Coz** – modo de cozedura

- 13.1. **A** – modo A, cozedura redutora com arrefecimento oxidante
- 13.2. **B** – modo B, cozedura redutora
- 13.3. **C** – modo C, cozedura oxidante

14. **Cor(es)** – cores da pasta + leitura Munsell (ver ponto 9)

15. **Tx** – textura

15.1. **C** – compacta

15.2. **C.L** – compacta e laminada

15.3. **CM** – entre a compacta e a média

15.4. **CM.L** – entre a compacta e a média, e laminada

15.5. **E** – esponjosa

15.6. **E.L** – esponjosa e laminada

15.7. **M** – média

15.8. **M.L** – média e laminada

15.9. **ME** – entre a média e a esponjosa

15.10. **ME.L** – entre a média e a esponjosa, e laminada

16. **D** – dureza

16.1. **1** – risca-se facilmente com o dedo

16.2. **2** – risca-se facilmente com a unha

16.3. **3** – risca-se facilmente com uma moeda

16.4. **4** – risca-se facilmente com um vidro

16.5. **5** – risca-se facilmente com um canivete

17. **CNP** – componentes não plásticos (inclusões)

- 17.1. **Tipo** – natureza dos CNP
- 17.1.1. **A** – areias
- 17.1.2. **C** – elementos calcários
- 17.1.3. **Cu** – elementos cupríferos
- 17.1.4. **F** – feldspatos
- 17.1.5. **Fe** – elementos ferruginosos
- 17.1.6. **G** – pedaços de “grog”
- 17.1.7. **Gl** – galenas
- 17.1.8. **M** – micas
- 17.1.9. **Q** – quartzos
- 17.1.10. **X** – xistos
- 17.2. **Rol** – rolamento
- 17.2.1. **A** – inclusões angulosas
- 17.2.2. **R** – inclusões roladas
- 17.2.3. **SA** – inclusões subangulosas
- 17.2.4. **SR** – inclusões subroladas
- 17.2.5. **WR** – inclusões bastante roladas
- 17.3. **Dist.** – distribuição
- 17.3.1. **I** – irregular
- 17.3.2. **R** – regular
- 17.4. **Gr.** – dimensões do grão
- 17.4.1. **F** – finas
- 17.4.2. **F.G** – de finas a grosseiras
- 17.4.3. **F.M** – de finas a médias
- 17.4.4. **F.MG** – de finas a muito grosseiras
- 17.4.5. **M** – médias
- 17.4.6. **MF** – muito finas
- 17.4.7. **MF.F** – de muito finas a finas
- 17.4.8. **MF.M** – de muito finas a médias
- 17.4.9. **MF.MG** – de muito finas a muito grosseiras
- 17.4.10. **MG** – muito grosseiras
- 17.5. **Fr.** – frequência, em percentagem
18. **Observações** – aqui se incluem, quer aditamentos ao que está exposto na tabela, quer informações que se consideram pertinentes.

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 2. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 1/11.

N.º Reg.	FORMA							SUPERFÍCIE							PASTA							Observações						
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr		Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP								
								Externa	Interna	T	Côr		Ext	Int		L	Czcl			Tipo	Rol.		Dist.	Gr.	Fr.			
4			2	EclsR	T	TR	i ¹	L	5YR6/8	L	2.5YR6/8	Ae ²	L	5YR6/8		R	A	A	L	2.5YR6/8 5YR7/1	M.L	2	Q.G.F	SR	I	MF.MG	5%	1desenh., mas sem paral. nas obras consultadas; 2até ao int. do colo
5	S			Esl	Bo	TR	III-A-1 / 17,8	Cze	10YR3/1	Cze	10YR3/1				PN	PN	B	Cz	10YR6/1	ME.L	4	M.Q.G.C	SR	I	F.MG	10% 15%		
6	SR			Esl	Bo	TR	III-A-1 / 16	L	7.5YR7/6	L	7.5YR7/6	Ai	L	7.5YR7/6		A	A	C	L	7.5YR7/6	CM	4	Q.G	R	R	MF	25%	
7	SRH			lclsR	Bo	TR	i ¹	Lc	5YR6/6	Lc	5YR6/6				B	B	C	Br	7.5YR8/3	M	3	Q.G.Fe.F.C	SR	I	F.G	5% 10%	1desenhado, mas sem paralelo nas obras consultadas	
8	SR			EclsR	Bo	TR	III-C-4 / 17,8	C	7.5YR5/4	C	7.5YR5/4				A	A	A	P	7.5YR2.5/1	M	4	M.Q.G.Fe	A	I	F.G	5%		
9						M		Lr	5YR7/6	Lr	5YR7/6				PN	PN	A	L	5YR6/8	M	2	M.Q.G.Fe	SA	R	F.M	20%		
10						TR		Cze	7.5YR3/1	Cze	7.5YR3/1				A	A	B	Cze	7.5YR3/1	C	3	M.Q.G.C	SR	R	F.M	15% 20%		
11			2?	EclsR	Bo	TR	i ¹	B	10YR7/4	B	10YR7/4				A	A	C	B	10YR7/4	ME	3	M.Q.G.C	SR	I	F.M	3%	1desenhado, mas sem paralelo nas obras consultadas	
13	S			EclsR	Bs	TR	III-C-4 / 17,3	L	5YR5/8	L	5YR5/8				A	A	A	L	5YR6/8	CM	2	Q.G.C	SR	I	MF.F	5%		
14						TR		Br	5YR7/4	Br	5YR7/4	Ai	L	5YR5/8		A	A	A	L	5YR6/8	C	2	M.Q.G.C	SA	R	MF.F	40%	
15						TR		Br	7.5YR8/4	Br	7.5YR8/4				PN	PN	C	Br	7YR8/4	ME	2	Q.G.C	SR	R	F.M	30%		
21	SRH			lclsR ¹	Bo	TR	VI-B-2 / 33	B	10YR8/3	B	10YR8/3				PN	A	C	B	10YR8/3	CM.L	3	M.Q.G	SR	I	MF	1%	1espesado	
22						TR		B	10YR8/3	B	10YR8/3	Aei	L	7.5YR6/6		R	R	C	B	10YR8/3	ME	3	Q.G.Fe	SR	I	F.G	15% 20%	
23	SDCS	CC				TR	F-18 / 7	L	7.5YR6/6	L	5YR6/8				A	A	A	Cze	7.5YR4/1	CM	3	M.Q.G	SR	I	MF.M	3% 5%		
24	SDCS	CR				TR	F-13 / 11,3 V-A-1 / 33	Cze	1.F.G.3/	B	10YR8/2	Aei	B	10YR8/2		R	R	A	B	10YR8/2	ME	3	M.Q	SR	R	F.G	7% 10%	
26				Ah	SC	TR		L	2.5YR6/6	L	2.5YR6/6				PG	PG	A	Czv	2.5YR7/1	M	4	M.Q.G.Fe.F.X	SR	R	F.M	30% 40%		
27						TR		Cze	1.F.G.3/	Cze	1.F.G.3/				A	A	B	Cz	5Y6/1	M	3	M.Q.F.	SR	R	F	10% 15%		
28				lclsR ¹	Bs	TR	i ²	Cze	10YR3/1	Cze	10YR3/1				PN	PN	B	Cze	10YR3/1	CM	3	M.Q	SR	I	F	1%	1espesado; 2desenh., mas sem paralel. nas obras consultadas	
30	SDCS			Esl	Bo	TR	III-A-2 / 22,7	L	5YR7/8	L	5YR7/8	Aei	L	5YR7/8		R	R	C	L	5YR7/8	M	4	M.Q.G.C	SR	R	F	10%	
31						TR		L	7.5YR7/6	Br	7.5YR7/4	Ae Ai	L Br	7.5YR7/6 7.5YR7/3		R R	R C	Br Lr	7.5YR8/4 2.5YR7/6	C	2	Q.G.F	R	R	MF.F	2%		

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)
André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 3. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 2/11.

N.º Reg.	FORMA						SUPERFÍCIE										PASTA								Observações		
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr		Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP							
								Externa	Interna	T	Côr		Ext	Int		Lr Bc	Cor(es)			Tipo	Rol.	Dist.	Gr.	Fr.			
32	SDCS		?			TR	F-13 / 11,3	Br	7.5YR8/3	B	10YR8/2				A	A	A	Lr Bc	5YR7/6 10YR7/3	C	3	M.Q.G	SR	R	MF.F	3%	
33	SR			EclsR	SC	TR	IX-A- fr6 / 14	L ¹	7.5YR6/6	B	10YR8/4	Ae ²ⁱ	?		R	R	C	B	10YR8/2	ME.L	3	Q.G	SR	I	F.M	5% 10%	¹ até ao exterior do bordo; ² devido a factores pós-deposicionais, tomou outras colorações
34						M		Br	7.5YR7/4	Br	7.5YR7/4			PN	PN	A	B	7.5YR8/2	CM	3	Q.G.C	SR	R	MF.F	5%		
35						M		Br	7.5YR7/3	Br	7.5YR7/3			PN	PN	A	Br	7.5YR8/3	M	3	M.Q.G.C	SA	I	F.G	25%	¹ varia nas ton. das superfícies	
36		CR				TR	F-18 / 3,3	L	7.5YR7/6	L	7.5YR7/6	Aei	L 2.5YR6/8		R	R	A	L	2.5YR6/8	C	2	Q.G.F	SR	R	MF	3% 5%	
37						TR		V	2.5YR5/6	V	2.5YR5/6			PN	A	A	V P	2.5YR5/6 10YR2/1	M	4	Q.G.Fe.F	SR	I	F.G	10%		
38	SR	Cr				TR	F-24 / 45,2	L	5YR5/8	L	5YR5/8			A	A	A	L Cz ¹	2.5YR5/8 2.5YR5/2	M	4	M.Q.Fe	SA	R	F.G	25% 30%	¹ núcleo	
20 / 20b	SR			Isl	Bo	TR	XIII-A- 1-a / 42,6	Lc	5YR6/6	Lc	5YR6/6			Graf.	A	A	A	Czcl	10YR6/2	E	4	M.Q.G.Fe.C	SA	I	F.MG	25% 30%	
3MOS				EclsR	D	TR	X-A-4 / 10	Cze	1.F.G.4/	Cze	1.F.G.4/			A	A	B	Czvd	1.F.G.5/1	C	3	M.Q.Cu	SA	R	MF.F	3%		
40a						TR		B	10YR7/4	Br	5YR8/3	Aei	B 10YR6/6		R	R	A	1	1	ME.L	3	M.Q.G.C	SR	I	F.M	3%	
40b						TR		L ¹	5YR6/8	L	5YR6/8	Ae Ai	L 5YR6/8 L 5YR5/8		A	A	A	Cze	5YR4/1	C	4	Q.G	SR	R	MF	2% 3%	¹ aparentemente polvilhada com grafite
40c						TR		Br	7.5YR7/4	Br	7.5YR7/4	Ae	L 7.5YR6/6		A	A	C	Br	7.5YR7/4	C	4	M.Q.G	SR	R	MF.F	5%	
40d						TR		Cze	5YR3/1	Cz	5Y6/1			A	B	B	Cz	5Y6/1	ME	2	M.Q.G	SA	I	F.M	5% 10%		
40e						TR		Cze	2.5YR3/1	Cze	2.5YR3/1			A	A	B	Czec	2.5YR3/2	CM	2	M.Q.G.Fe.C	SA	R	MF.F	20%		
FM11				Ah	Bs	TR	i ¹	Br	7.5YR8/4	Br	7.5YR8/4	Aei	L 5YR6/8		R	R	C	Br	7.5YR8/4	M	2	M.Q.G.F	SR	R	F.M	15%	
FM14						TR		B	10YR8/4	L	2.5YR7/6			PN	PN	A	1	1	CM	2	M.Q.G.C	SA	I	F.M	5%	¹ varia nas ton. das superfícies	
FM16			2Cl	EclsR	Bo	TR	X-A-4 / 10	Br	7.5YR8/4	Br	7.5YR8/4	Aei	L 7.5YR6/6		R	R	A	Lr	5YR7/6	C	3	Q.G	SR	R	MF	1%	
FM17						TR		Czcl	2.5Y7/1	Czcl	2.5Y7/1	Aei	Cze 2.5Y4/1		R	R	B	Czcl	2.5Y7/1	M	2	Q.G.F.X	SR	R	F	15% 20%	
FM18		CC				TR	F-13 / 10	R	2.5YR8/3	R	2.5YR8/3			A	PN	C	R	2.5YR8/3	E.L	2	M.Q.G	SR	R	F.M	20%		

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 4. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 3/11.

N.º Reg.	FORMA							SUPERFÍCIE							PASTA							Observações				
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr			Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP					
								Externa	Interna	T	Côr	Ext		Int	1		2	Rol.			Dist.		Gr.	Fr.		
FM19	SR			EclsR	Bo	TR	VIII-B-5-a / 16,4	P	7.5YR2.5/1	Brcz	7.5YR7/2			A	A	A	1	1	M	4	M.Q.G.Cu	SR	I	MF.F	2%	1varia nas ton. das superfícies
FM20	SR			Am	SC	TR	VI-B-f2 / 23,3	Cze1	10YR4/1	Lc	5YR6/6			A	A	A	Br	7.5YR7/3	C	3	G.F	R	R	MF	1%	1aparent. polvilhada com grafite
FM21						TR		Cze1 B1	7.5YR3/1 10YR7/4	Cze1 B1	7.5YR3/1 10YR7/4	Aei	L 7.5YR6/6	R	R	A	Bcz	10YR7/2	ME.L	2	M.Q.G.C	SR	I	F	10%	1varia nestas duas tonalidades
FM22				EclsR	Bo	TR	X-A-3-a / 15	Bcz1 P2	10YR7/2 10YR2/1	Bcz1 P2	10YR7/2 10YR2/1			PN	PN	A	Bcz1 P2	10YR7/2 10YR2/1	M	3	Q.G.Cu.C	SR	I	F.M	5%	1no bojo; 2no bordo (pós-deposicional?)
FM23		CR				TR	F-3 / 9,5	Br	7.5YR8/4	Br	7.5YR8/4	Ae	L 5YR6/8	R	A	C	Br	7.5YR8/4	ME	2	M.Q.G.C	SR	R	F.M	20%	
FM24	SD	CR				?	F-23 / 12	Br	7.5YR8/3	Br	7.5YR8/4			A	A	A	Lr	2.5YR7/6	C	2	M.Q.G.C	SR	R	F	5%	
FM25	SDCS	CC				TR	F-13 / 10	L	7.5YR7/6	L	7.5YR7/6	Aei	L 5YR6/8	A	A	A	Br	7.5YR8/4	CM	2	M.Q.G	SR	R	F.M	7%	
FM26 / 40	SRO		2P			TR	i1	Bl	7.5YR8/6	L	2.5YR6/8			R	R	A	L	2.5YR6/8	M	3	Q.G.C	SR	I	F	10%	1desenhado, mas sem paralelo nas obras consultadas
FM27			1	Esl	Bo	TR	XII-C-1 / 10,9	Br	7.5YR8/3	Br	7.5YR8/3	Aei	L 5YR5/8	A	A	A	Bc	10YR7/3	CM	3	M.Q.G	SA	R	MF	15%	
FM29						TR		B	10YR8/3	B	10YR8/3			PN	A	C	B	10YR8/3	C	3	Q.G	?	R	MF	2%	
FM30		CC				TR	F-13 / 10,4	L	7.5YR7/6	B	10YR8/2			A	A	C	B	10YR8/2	E	3	Q.G	R	R	MF	5%	1sinais de fogo no exterior
FM31						TR		Lc	5YR6/6	Lc	5YR6/6	Aei	L 5YR6/8	R	R	A	Lc	5YR5/4	ME.L	4	M.Q.G	SA	I	F.G	3%	
FM32	SDCS	CC				TR	F-13 / 10	B	10YR8/4	B	10YR8/4			PN	A	C	B	10YR8/4	M	2	M.Q.G	SR	R	F.M	3%	1vestígios de fogo no exterior
FM35	SDCS	CR				TR	F-13 / 10,8	B	10YR8/4	B	10YR8/4			PG	PG	A	B Czalc	10YR8/4 10YR6/2	M	3	M.Q.G.C	SR	I	F.MG	5%	1sinais de fogo (pós-deposicional?)
FM35						TR		Br	7.5YR8/3	Br	7.5YR8/3			PN	PN	C	Br	7.5YR8/3	M	3	M.Q.G.Fe	SR	I	F.MG	15%	1sinais de queimado no fundo
FM37		Cr				?	F-27 / 9,6	Lc	5YR5/6	Lc	5YR5/6			PG	PG	C	Lc	5YR5/6	M	4	M.Q.Fe	SA	I	F.MG	25%	
FM47						TR		L	5YR5/8	L	5YR5/8	Aei	L 5YR5/8	R	R	C	L	5YR5/8	M	3	M.Q.Fe.F.C	SA	R	MF.M	10%	
FM48	SRO	Cr				TR	F-17 / 2,8	Lc	5YR6/6	Lc	5YR6/6			A	A	A	Ccl	7.5YR6/4	C	4	Q.G.X	SR	R	MF	1%	
FM49						TR		L	7.5YR7/6	L	7.5YR7/6			A	A	C	L	7.5YR7/6	C	4	M.Q.G.C	SR	R	MF	7%	
FM50	SR	Cr				TR	F-17 / 4,3	L	5YR5/8	L	5YR5/8			Pol	A	C	L	5YR5/8	C	4	Q.G.C.X	SR	R	MF	1%	

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 5. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 4/11.

N.º Reg.	FORMA							SUPERFÍCIE										PASTA							Observações		
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr				Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP					
								Externa	Interna	T	Côr	Ae	Ext		Int	1		2	Rol.			Dist.	Gr.	Fr.			
FM51	SDCS	Cr				TR	F-18 / 11,1	Br	7.5YR8/4	Lr	5YR7/6				A	A	A	1	1	CM	3	M.Q.G	SA	R	MF.M	2% 3%	¹varia nas ton. das superfícies
FM55						?		L	7.5YR7/8	L	7.5YR7/8				PN	PN	A	Brcz Lc	7.5YR7/2 5YR5/4	M	2	M.Q.G.F	SR	R	F.M	20% 25%	
MA001	SRO			EclsR	Bs	TR	X-A-3-a / 11,7	Cze	5YR3/1	C	7.5YR4/3				A	A	A	1	1	M.L	4	M.Q.F	R	R	F	15%	¹varia nas ton. das superfícies
MA002						?		C	7.5YR4/3	C	7.5YR4/2				A	A	A	Ce	7.5YR3/2	E	3	M.Q.Fe.Cu.F	SA	R	F.M	15% 20%	
MA003						TR		B	10YR7/6	B	10YR7/6				A	A	A	Cz L	10YR5/1 5YR5/8	M	2	M.Q.Cu	SR	I	F.M	5% 7%	
MA004						TL		Ce	7.5YR3/4	L	7.5YR5/8	Ai	Ve 2.5YR3/6		PN	R	A	Czclc	10YR6/2	M	2	M.Q.G.Fe	SR	R	F.M	10%	
MA005						TR?		Lc	5YR4/4	Lc	5YR4/4			Inc.	A	A	A	L	2.5YR5/8	ME	3	M.Q.G.Cu	SR	R	F.M	15%	
MA006						TR		Ccl	7.5YR6/4	V	2.5YR6/4	Aei	Ccl 2.5YR6/4		R	R	A	V	2.5YR6/4	M	2	M.Q.G.Fe.F	SR	R	F.M	15%	
MA011						TR		Lc	5YR6/6	L	5YR6/8				A	A	A	L	5YR6/8	C.L	2	M.Q.F	SR	I	MF.F	2%	
MA012						TR		C	7.5YR5/4	C	7.5YR5/4	Aei	L 2.5YR5/8	Mod.	PN	PN	A	C	7.5YR5/4	M	4	M.Q.G.F	SR	R	MF.F	10%	
MA013						TR		L	5YR6/8	L	5YR6/8	Aei	L 5YR5/8		R	R	A	Czec	2.5Y4/2	M	2	M.Q.F	SA	R	MF.F	15%	
MA015	SRH			Ec2lcR	Bo	TR	IV-D-2 / 40	L	2.5YR6/8	L	2.5YR6/8				A	A	C	L	2.5YR6/8	ME	3	M.Q.G.F	SR	R	F.M	15%	
MA016	SRO			EclcR	Bs	TR	IX-A-fr10 / 13,8	C	10YR5/4	C	7.5YR5/6				A	A	A	L	5YR5/8	M	2	M.Q.G.A	R	R	MF.F	30% 40%	vestígios de queimado pós-deposic.?
MA017	SR			EclsR	Bo	TR	X-A-4 / 13,4	Czec	2.5Y4/2	Czec	2.5Y4/2	Aei	Czec 2.5Y4/2		R	R	B	P	2.5Y2.5/1	ME.L	4	M.Q.Cu.GI	SA	I	F.M	3% 5%	
MA018	SRO?			Esl	Bo	TR	XIII-A-1-b / 27	Lc	5YR5/6	L	5YR6/8			Graf. Can.	A	A	A	Cz L Czcv	7.5YR5/1 5YR5/8 5YR4/2	E	3	M.Q.G.F	SR	R	F.M	15%	
MA019	SDCS			Ah	Bo	TR	V-A-1 / 41	Ccl	7.5YR6/4	Ccl	7.5YR6/4				A	PN	A	L	7.5YR7/6	M	4	M.Q.G.Fe.F	SR	R	F.M	20%	
MA020	SDS	CR				TR	F-13 / 8,7	Br	5YR7/4	Lc	5YR6/6	Ae	Lc 5YR5/6		R	PG	A	1	1	ME	2	M.Q.G.F	SR	I	F.M	3%	¹varia nas ton. das superfícies
MA021	SDCS			Esl	Bo	TR	III-A-2 / 25,9	C	7.5YR4/4	C	10YR4/3				A	A	A	C C	7.5YR4/4 10YR4/3	C.M.L	3	M.Q.G.Fe.F	SA	R	MF.F	5%	vestígios de queimado pós-deposic.?
MA022 / 088	SRH			Esl	Bo	TR	III-A-1 / 29,5	Cze	10YR4/1	Cze	10YR4/1				Pol	Pol	A	P	10YR2/1	ME	2	M.Q.Fe.F	R	I	F	3%	
MA023	SRO			EclsR	Bs	TR	X-A-3-a / 12,7	C	7.5YR4/2	Cze	7.5YR3/1				A	PN	A	P	2.5Y2.5/1	ME	4	M.Q.G.F	SA	R	F	7%	

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 6. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 5/11.

N.º Reg.	FORMA							SUPERFÍCIE										PASTA							Observações		
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr				Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP					
								Externa	Interna	T	Côr	Ext	Int		Cor(es)	Tipo		Rol.	Dist.			Gr.	Fr.				
MA024						TR		Lc	5YR4/4	P	2.5Y2.5/1				A	PN	A	1	1	E	4	M.Q.G	SA	I	F.G	10% 15%	¹ varia nas ton. das superfícies sinais de fogo
MA025	SR			EclsR	Bo	TR	VIII-B-7-a / 14,3	Cze	7.5YR3/1	Lc	5YR4/4				A	PN	A	1	1	E	2	M.Q.Cu	SR	R	F.M	25%	¹ varia nas ton. das superfícies
MA026						TL		Lc	5YR5/6	P	2.5Y2.5/1	Ai	Br 7.5YR7/3		PG	R	A	P	2.5Y2.5/1	E	4	M.Q.G.F	SA	R	F.M	15%	
MA027						TL		P	10YR2/1	Lc	2.5YR3/4				A	PN	A	Czec	10YR4/2	M	3	M.Q.G.Fe	SR	R	MF.F	10% 15%	
MA028	SR			IclsR ¹	D	TR		C	7.5YR5/4	C	7.5YR5/4				A	A	A	C Czec	7.5YR5/4 2.5Y4/2	ME	3	M.Q.G.F.C	SA	R	F.G	15% 20%	¹ espessado; <i>dolium</i> ; desenho desaparecido
MA029	SR	Cr				TR	F-22 / 8,1	Czec	2.5Y4/2	Czec	2.5Y4/2	Aei	Czec 2.5Y4/2		R	R	B	Cze	5Y4/1	CM	4	M.Q.Fe.F	SR	R	F	3%	
MA030						TR		Lc	5YR4/6	Lc	5YR4/6	Aei	Ccl 7.5YR6/4		R	R	A	Cz	5Y5/1	ME	2	M.Q.Fe.Cu	SR	I	F.M	5%	
MA031						TR		L	5YR6/8	Czvd	5Y5/2	Ae Ai	Lc 5YR5/6 Cz 5Y5/1		Pol	Pol	A	1	1	CM	2	M.Q.G.Fe.F	SR	I	MF.F	5% 7%	¹ varia nas ton. das superfícies
MA032	SRH			EclsR ¹	Bo	TR	III-C-4 / 17	L	5YR6/8	L	5YR6/8	Ai	Lc 5YR6/6		A	R	C	L	5YR6/8	M	2	M.Q.G.Fe.F	SR	R	F.M	10%	¹ espessado
MA033						TR		C	7.5YR4/4	Ce	7.5YR3/2				PG	A	A	Cze	7.5YR3/1	E	3	M.Q.Cu.C	SA	R	F.G	25% 30%	
MA034						TR		Lc	5YR4/6	Lc	5YR4/6				PG	PG	A	L	5YR5/8	E	3	M.Q.G.Cu.F	SA	R	F.G	25% 30%	
MA035	SDCS	Cr				TR	F-3 / 16	L	2.5YR7/8	L	2.5YR7/8	Ai	L 2.5YR6/8	Est. Can.	R	R	C	L	2.5YR7/8	C	4	Q.G	R	R	MF.F	1%	
MA036	SDCS			Ecl	T	TR	V-B-3 / 57,8	C	7.5YR5/4	C	7.5YR5/4			Inc. ¹	A	A	C	C	7.5YR5/4	ME	3	M.Q.Fe.F	SA	R	MG	20% 25%	¹ ondulada no topo do bordo
MA038	?			EclsR	Bs	TR	X-A-2 / 8,9	L	2.5YR6/8	L	2.5YR6/8	Aei	L 2.5YR6/8		R	R	C	V	2.5YR5/6	M	2	M.Q.G.F	SR	R	MF.F	5%	
MA039	SRO	CC	2			TR	F-13 / 13,6	L L	7.5YR6/8 7.5YR7/8	Ce	7.5YR3/2			Inc.	A	A	A	L C ¹	7.5YR5/8 7.5YR4/4	M	3	M.Q.G.Fe.Cu	SR	R	F.M	10% 15%	¹ núcleo
MA041						TR		C	7.5YR4/3	L	7.5YR4/6				A	PN	A	1	1	E	4	M.Q.G.Cu	SA	R	F.G	25% 30%	¹ varia nas ton. das superfícies
MA043	SDS	CC				TR	F-13 / 9,2	L	2.5YR6/6	L	2.5YR6/6	Ae	L 2.5YR6/6		R	A	C	Lc	2.5YR6/6	ME.L	2	M.Q.G.F	SR	I	F.M	20%	
MA044						TR		C	7.5YR5/3	C	7.5YR5/3				A	A	A	Czec	10YR4/2	ME	2	M.Q.F.A	WR	R	F	25%	
MA045	SR			EclsR	Bs	TR	X-A-8 / 16,1	L	7.5YR7/6	L	7.5YR7/6	Ae ¹	L 2.5YR6/8		R	A	A	L	5YR6/8	ME	2	Q.G.Fe.F	SR	R	F	15%	¹ Até ao interior do bordo
MA046						TR		B	10YR7/4	B	10YR7/4				A	A	C	B	10YR7/4	M	2	M.Q.G.Fe.F	SR	I	F.M	7% 10%	

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 9. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 8/11.

N.º Reg.	FORMA						SUPERFÍCIE								PASTA								Observações				
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr			Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP						
								Externa	Interna	T	Côr	Ext		Int	Cor(es)		Tipo	Rol.			Dist.	Gr.		Fr.			
MA100						TL		Lc	5YR5/6	Br	7.5YR6/2			A	PG	A	P	5Y2.5/1	ME	2	A	WR	R	MF.F	25%		
MA101						TR		C	7.5YR5/6	C	7.5YR5/6	Aei	C 7.5YR4/4		R	R	A	Czc	10YR5/2	ME	2	M.Q.Fe.F	SR	R	F.M	5%	
MA102						TR		Ccl	7.5YR6/4	Ccl	7.5YR6/4			A	A	A	L	7.5YR6/6	M	2	M.Q.G.F	SA	R	F	10% 15%		
MA103	SR			EclsR	Bo	TR	X-A-8 / 15	P	7.5YR2.5/1	C	10YR4/3			A	A	A	Czc	10YR3/2	M	2	M.Q.Cu	SR	I	F.M	7%		
MA104						TR		L	5YR6/8	Czec	10YR4/2			A	A	A	Cze	2.5Y3/1	ME	2	M.Q.G.Fe.Cu	SA	I	MF.F	10%		
MA106						TR		L	5YR5/8	C	7.5YR4/4			A	PG	A	Cz	10YR5/1	ME	4	M.Q.Fe.F	SR	R	F.M	10%	sinais de fogo	
MA107						TR		L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/8			A	A	A	L	5YR6/8	ME	2	M.Q.G.F	SR	I	F.M	15%		
MA108	SR	Cr				TR	F-3 / 11,2	V	2.5YR5/6	Lc	5YR5/6			A	A	A	Br	7.5YR6/2	M.L	3	M.Q	SR	I	F.M	10%		
MA109	SDS	Cr				TR	F-21 / 12,6	L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/6			A	A	A	B	10YR7/4	M	2	M.Q.G.Fe	SA	R	MF.F	20%		
MA110						TR		L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/6			A	A	A	Lc	5YR4/4	M	2	M.Q.G.Fe.F	SR	R	F	7%		
MA111						TR		L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/6	Aei	L 5YR6/8		Pol	Pol	A	Czvd	5Y4/2	CM.L	3	M.Q.G.F	SR	I	MF.F	3%	
MA113						TR		Ccl	7.5YR6/4	Ccl	7.5YR6/4			A	A	A	Cz	10YR5/1	CM	3	M.Q.G	SA	I	F	10%		
MA114						M		L	5YR6/8	L	5YR6/8				PG	PG	A	Ccl	2.5Y5/3	E	3	M.Q.G.F	SR	R	F.M	10% 15%	
MA115 / 125						TR		C	7.5YR5/3	C	7.5YR4/3				Pol	A	A	Cz	10YR5/1	M	2	M.Q.G	SA	R	MF.F	7%	sinais de fogo
MA116	SR			EclsR	Bs	TR	X-A-6-a / 7,7	C	5YR4/3	Cze	5YR3/1			A	A	A	Cze	2.5Y3/1	M	3	M.Q.G.Cu.F	SA	I	MF.F	3%		
MA117	SRH			EclsR ¹	Bo	TR	III-A-1-a / 10,2	C	7.5YR5/6	C	7.5YR5/6			A	A	C	C	7.5YR5/6	M	2	M.Q.F	SA	R	MF.F	10%	espessado	
MA119	SR			EclsR	Bo	TR	X-A-3-a / 11,3	Cze	10YR3/1	Cze	10YR3/1			A	A	B	Cze	10YR3/1	M	2	M.Q	SR	I	MF.F	2% 3%		
MA120						TR		C	7.5YR5/4	L	5YR5/8			A	A	A	P	5Y2.5/1	M.L	3	M.Q.G.F	SR	R	F.M	7% 10%		
MA121						TR		L	5YR5/8	L	5YR5/8			A	A	A	Cz	7.5YR5/1	M	2	M.Q	SA	R	F.M	10%		
MA123						TL?		L	5YR6/8	B	7.5YR7/4	Ae	B 10YR6/6		R	A	A	Ce	7.5YR3/2	ME	2	M.Q.G.Fe	SA	I	MF.F	5% 7%	
MA124	SR			EclsR	Bo	TR	X-A-8 / 9,4	Cze	10YR3/1	C	10YR5/4			A	A	A	Cze	10YR3/1	M	2	M.Q.F	SA	I	MF.F	1%		

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 11. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 10/11.

N.º Reg.	FORMA							SUPERFÍCIE										PASTA								Observações	
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr				Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP					
								Externa		Interna		T	Côr		Ext	Int		L	L			Tipo	Rol.	Dist.	Gr.		Fr.
								L	Côr	L	Côr	A	A		C	L											
TG02O						TR		L	2.5YR6/8	L	2.5YR6/8			A	A	C	L	2.5YR6/8	M	4	M.Q.	SR	R	MF.F	7%		
TG02P						TR		C	7.5YR5/6	C	7.5YR5/6	Ai	Bn 5YR8/1		A	R	C	C	7.5YR5/6	M	2	M.Q.Fe.F	SA	I	MF.F	5% 7%	
TG02Q						TR		Lr ¹	5YR7/6	Lr	5YR7/6	Ai	B 10YR7/4		R	R	A	B	10YR7/4	M.L	4	M.Q.Fe.F	SR	I	F.M	3%	'aparentemente polvilhada com grafite
TG02R						TR		B	10YR8/3	B	10YR8/3	Ae	Lr 5YR7/6		R	A	A	Lc	5YR6/6	M.L	2	M.Q.G.Fe	SR	I	F	3%	
TG02S						TR		L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/6				A	A	A	Bc	10YR7/3	M	2	M.Q.G.Fe.F	SA	R	F	5%	
TG02T						TR		B	10YR6/4	B	10YR8/3	Ai	Lc 5YR6/6		PN	R	A	Cz	2.5Y6/1	M	2	M.Q.G.F	SR	I	MF.F	1%	
TG02U						TR		B	10YR8/4	B	10YR8/4	Ae Ai	L 5YR6/8 B 10YR6/6		R	Pol?	C	B	10YR8/4	M	3	Q.G	SR	I	F.M	3%	
TG02V						TR		Czc	10YR3/2	B	10YR6/4				A	A	A	Cz	7.5YR5/1	ME.L	3	M.Q.G.F	SR	R	MF.F	10% 15%	
TG02W						TR		Cze	10YR4/1	L	7.5YR7/6	Ae	C 10YR5/4		R	A	A	B	10YR6/4	M.L	3	M.Q.G	SA	R	F	7% 10%	
TG02X						TR		L	5YR5/8	Ce	7.5YR3/2				A	A	A	Cze	10YR4/1	E	4	M.Q.G.Cu.F	R	R	F.M	10%	
TG03						TR		L	7.5YR7/8	L	7.5YR7/8				A	A	A	Lc	5YR5/6	ME.L	3	M.Q.G.Fe.F	SR	R	F	5% 7%	
TG04 / 10	SRO?		2	EclsR	Bo	TR	X-A-4 / 13,4	B	2.5Y7/3	B	2.5Y7/3	Ae ¹	L 5YR6/8	Inc. Pint. Can.	Pol	A	C	B	2.5Y7/3	M.L	2	Q.G.F	SR	R	MF.F	2%	asas com 3 caneluras longitudinais; 'até à parte interna do bordo
TG05	SRH	Cr				TR	F-17 / 4,5	Br	7.5YR7/4	Br	7.5YR7/4	Aei	Ccl 7.5YR6/4		R	R	C	Br	7.5YR7/4	ME	2	Q.G.F	SR	R	MF.F	3%	
TG06	SRO		2	EclsR	T	TR	X-A-4 / 16,6	B	10YR7/4	B	10YR7/4	Ae ¹	L 5YR7/8	Can.	Pol	Pol	C	B	10YR7/4	M.L	3	M.Q.Fe.F	SR	R	MF.F	2%	'até ao topo do bordo
TG07	SRH?			EclsR	Bo	TR	III-C-2 / 17,2	Ccl	7.5YR6/4	Ccl	7.5YR6/4				B	B	C	Ccl	7.5YR6/4	C	4	Q.F	SA	R	MF	1%	
TG08	SRO?			Ecl	Bs	TR	X-A-3-a / 11	C	7.5YR5/4	C	7.5YR5/4				A	A	A	C	7.5YR5/4	M	3	Q.G.Fe.F	SR	I	F.M	10% 15%	
TG09	SRO?		1	EclsR	Bo	TR	X-A-8 / 7,7	Cze	7.5YR3/1	Cze	7.5YR3/1				Pol	Pol	A	Ccl	7.5YR6/4	C	3	F.C	SA	R	MF	3%	
TG11						TR		B	10YR8/4	B	10YR8/4				A	A	C	B	10YR8/4	CM	2	Q.G.F	SR	R	MF.F	5% 7%	
TG12						TR		B	10YR7/4	B	10YR7/4	Aei	L 7.5YR6/6		Pol?	Pol?	A	C	7.5YR5/4	M.L	2	M.Q.G.Fe.F	SR	R	MF.M	5%	
TG13	SRO	Cr				TR	F-17 / 4	Bc	10YR7/3	Bc	10YR7/3	Ae	L 7.5YR6/6		Pol	A	C	Bc	10YR7/3	M.L	3	Q.G.F	SR	R	MF.F	7%	
TG14						TR		L	2.5YR6/8	L	2.5YR6/8	Aei	Lc 5YR5/6		R	R	C	L	2.5YR6/8	ME	3	M.Q.G.F	SR	I	F.M	5% 7%	

CERÂMICA COMUM ROMANA NO CONCELHO DE CASTELO DE VIDE (ESTUDO PRELIMINAR)

André Pereira e Mário Monteiro

Quadro 12. Tabela descritiva do conjunto cerâmico 11/11.

N.º Reg.	FORMA							SUPERFÍCIE							PASTA							Observações					
	C	B/P	A	Br	Lb	M	T.IVP / D	Côr		Revestimento		Dec	Estado		M. Coz	Cor(es)		Tx	D	CNP							
								Externa	Interna	T	Côr		Ext	Int		Cor(es)	Tipo			Rol.	Dist.		Gr.	Fr.			
TG15			2P	EclcR	Bs	TR	X-A-4 / 16,8	Ba	2.5Y8/4	Ba	2.5Y8/4	Ae¹	L 7.5YR6/6		A	A	C	Ba	2.5Y8/4	CM	3	M.Q.G.F	SR	R	F.M	7%	¹até ao topo do bordo
TG16				Ah	Bo	TR	IV-C-1 / 36,8	L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/6				A	A	A	L Czvd	7.5YR6/6 5Y5/2	CM	4	M.Q.Fe.F	SR	R	F	5%	
TG17	SR	Cr				TR	F-17 / 2,9	Lr	5YR7/6	Lr	5YR7/6			Pol	PN	A	Lr L	5YR7/6 2.5YR5/8	C	4	Q.F	SR	I	MF.F	5%	sinais de queimadura provavelmente pós-deposicional	
TG18	C			EclcR	D	TR	III-C-2 / 12,8	L	7.5YR6/6	L	7.5YR6/6			Pol	A	C	L	7.5YR6/6	M	4	M.Q.F	SR	I	MF.M	2% 3%		
TG19						TR		Br	5YR7/4	Br	5YR7/4			A	A	C	Br	5YR7/4	M	4	Q.G.F	SR	R	F	3%		
TG20						TR		B	7.5YR8/2	B	7.5YR8/2	Aei	Ccl 2.5YR5/3		Pol?	Pol?	C	B	7.5YR8/2	M.L	3	M.Q.F	SR	I	F	2%	
TG21	SR?	Cr				TR	F-17 / 3,6	B	10YR6/6	Br	7.5YR8/4			Pol	A	A	¹	¹	ME	3	Q	SR	I	F	3% 7%	¹varia nas ton. das superfícies; sinais de fogo no fundo	
TG22	SR?			EclcR	Bo	TR	X-A-4 / 14,9	L	5YR6/8	L	5YR6/8			Can.	A	PG	C	L	5YR6/8	ME	2	M.Q.G.Fe.F	SR	R	MF.M	25% 30%	
TG23						TR		Br	7.5YR8/4	Br	7.5YR8/4	Aei	L 5YR5/8		R	R	A	L	7.5YR4/6	M	3	M.Q.G	SR	R	M	5%	
VB01	SR			EclcR	Bo	TR	i¹	C	7.5YR5/6	C	7.5YR5/6			A	A	C	C	7.5YR5/6	CM	2	M.Q.G.F	SR	R	F	15%	¹desenhado, mas sem paralelo nas obras consultadas	
VB01A						TL?		C	7.5YR5/6	Ccl	7.5YR6/3			PG	A	A	Cz	2.5Y5/1	E	3	M.Q.G.F.Fe	A	R	F.G	20%		
VB01B						TR		V	10YR4/8	C	10YR5/3			A	A	A	¹	¹	E	3	M.Q.F	SA	I	F.M	5%	¹varia nas ton. das superfícies	
VB01C						TR		Lc	5YR5/6	Lc	5YR5/6			A	A	A	C	7.5YR4/2	E	2	M.Q.G.Fe.F	SA	R	F.G	10%		
VB01D						TR		¹	¹	¹	¹	Aei	L 7.5YR6/8		R	R	A	L Czec	2.5YR5/8 2.5Y4/2	M	2	Q.F	SA	I	F	3%	¹varia nas ton. da pasta
VB03						TR		V	2.5YR6/4	V	2.5YR6/4	Ae	B 10YR6/3		R	A	A	V P	2.5YR6/4 2.5Y2.5/1	ME	3	M.Q.G.F	SR	I	F	3% 5%	
VB04						TR		Lr	5YR7/6	Lr	5YR7/6	Aei	L 2.5YR6/8	Inc.	Pol	Pol	C	Lr	5YR7/6	C	2	M.Q.G	R	R	MF.F	1%	
VB08	SR	Cr				TR	F-4 / 10,2	B	10YR8/4	B	10YR8/4			A	PG	C	B	10YR8/4	CM	1	M.Q.G.F	SR	R	F.G	10% 15%		
VB10						TR		Ccl	7.5YR6/4	L	5YR6/8			A	A	A	¹	¹	ME	2	M.Q.G.F	SA	I	F.M	7%	¹varia nas ton. das superfícies	
VB11						TR		L¹	5YR6/8	L¹	5YR6/8	Aei	Br 7.5YR7/4		R	R	A	L¹	5YR6/8	ME	2	M.Q.G.F	SR	I	F.M	10%	¹prevalece de entre variadas cores

Considerações finais

Será difícil tirar quaisquer conclusões de um acervo cerâmico tão diminuto como o estudado e muito menos extrapolá-lo para uma região onde a ocupação romana foi tão abundante e rica; basta ver a cidade da *Ammaia*, que apenas administrativamente se encontra fora da região em questão.

Pensamos que a cerâmica estudada deverá apenas constituir “1%” da que se encontra no subsolo castelo-vidense, que presentemente ainda se encontra ermo e, como tal preservando valiosos vestígios arqueológicos, que aos poucos vão sendo pilhados e delapidados.

Assim, procurámos com o nosso estudo contribuir para o conhecimento da ocupação romana no concelho, não como ponto de chegada a qualquer conclusão, mas como ponto de partida para estudos posteriores.

Referências Bibliográficas

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – **Guía de la Cerámica Romana**. Zaragoza: Libros Pórtico.

CARVALHO, J. (1998) – **Ocupação Humana no Concelho de Castelo de Vide desde a Pré-história até à Alta Idade Média**. *Ibn Maruán*, n.º 8. Marvão: Câmara Municipal de Marvão / Edições Colibrí, 183-191.

KORBEL, P.; NOVÁK, M. (2000) - **Enciclopédia de Minerais**. [Lisboa]: Livros e Livros.

MARTINS, A.; RAMOS, C. (1992) – **Elementos para Análise e Descrição de Produções Cerâmicas**. *Vipasca*, n.º 1. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel, 91-101.

MSCC (1994) – **Munsell Soil Color Charts. Edição Revista**, Nova Iorque: Macbeth Division of Kollmorgan Instruments Corporation.

NOLEN, J. U. S. (1985) – **Cerâmica Comum das Necrópoles do Alto Alentejo**. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança.

PICON, M. (2002) – **Les modes de cuisson, les pâtes et les vernis de la Graufesenque: une mise au point.** GENIM, M.; VERNHET, A. – *Céramiques de la Graufesenque et autres productions d'époque romaine. Nouvelles recherches. Hommage à Bettina Hoffmann* (Archéologie et Histoire romaine: 7). Montagnac: Ed. Monique Mergoil, 139-163.

PINTO, I. V. (1997) – **Dolia de São Cucufate et jarres modernes de l'Alentejo: essai d'ethnoarchéologie.** *Itinéraires Lusitaniens. Actes de la réunion tenue à Bordeaux les 7 et 8 avril 1995 [...] édités par Robert Étienne et Françoise Mayet.* Paris: Diffusion E. de Boccard.

PINTO, I. V. (1999) – **A Cerâmica Comum de S. Cucufate.** Tese de doutoramento apresentada à Universidade Lusíada. Lisboa: Universidade Lusíada. [Edição Policopiada]

RODRIGUES, M. C. M. (1975) – **Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide,** Lisboa.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, M. A. (1992) – **Cerámica Común Romana de Mérida: estudio preliminar,** Cáceres: Universidad de Extremadura;

Departamento de Prehistoria Y Arqueología. (Series de Arqueología Extremeña, 3).

STIENSTRA, P. (1985) – **Technological research on composition and texture of Ancient Pottery. A note of sense and nonsense,** *Newsletter*, III, 10-47.